

A primeira grande entrevista
ao novo presidente do CGS da EDP

António Lobo Xavier

“Não estou dependente
de carreiras ou de ligações,
estou comprometido
com os objetivos da função”.



edpon

EDPON É UMA EDIÇÃO TRIMESTRAL
Proprietário EDP - Energias de Portugal, SA
Av. 24 de Julho, 12, Torre Poente, Piso 1
1249-300 Lisboa, Portugal
Tel.: 210 012 680 Fax: 210 012 910 comunicacao@edp.pt
Diretor: Rui Cabrita



COORDENAÇÃO EDP Raquel Almeida Correia
EDIÇÃO Eduardo Marino
REDAÇÃO Joana Peres
ARTE Marta Conceição
FOTOGRAFIA Hugo Gamboa, João Reis, Paulo Coelho,
iStock, Unsplash, Scopia
REVISÃO Ana Godinho

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA EM PORTUGAL — 250 exemplares:
Lisgráfica - Impressão e Artes Gráficas, Rua Consiglieri Pedroso,
n.º 90, Casal de Sta. Leopoldina, 2730-053 Barcarena - Portugal
Tel.: +351 214 345 400 (geral); Fax: +351 214 345 494
Isenta de registo na e.r.c., ao abrigo do decreto regulamentar
8/6, artigo 12.º n.º 1 - a
Esta publicação foi escrita ao abrigo do novo acordo ortográfico

Um Novo Ciclo

A EDP está a iniciar um novo ciclo.

Após a recondução do Conselho de Administração Executivo para um novo mandato (2024-2026), estamos a transformar a forma como trabalhamos juntos e impulsionamos o nosso negócio para garantir que a EDP permanece competitiva e fortalece a sua posição como líder global da transição energética, seja em energias renováveis, redes ou soluções para clientes, num setor em constante mudança.

A nível global, há preocupações crescentes sobre as alterações climáticas e a perda de biodiversidade, e os países estão a apoiar o compromisso da COP28 de triplicar a capacidade global de energia renovável até 2030 e de reforçar a segurança energética.

No entanto, as fontes de energia renovável estão a ser forçadas a provar o seu valor num contexto de taxas de juro elevadas por mais tempo e de preços da energia em queda – isto representa um desafio para o nosso negócio. A médio e longo prazo, vemos o mercado a corrigir-se e a recompensar os nossos projetos com preços de PPA mais elevados e retornos que compensem estas variáveis, mas temos de nos manter disciplinados e totalmente focados na execução e no cumprimento dos nossos compromissos.

O nosso novo modelo organizacional, baseado numa abordagem colaborativa entre as nossas regiões, plataformas, business enablement functions (BEF) e global business services (GBS), deverá permitir ao grupo prosperar num ambiente cada vez mais competitivo. Como? Assegurando que a nossa organização e as nossas formas de trabalho se tornam mais ágeis e eficientes, com responsabilidades claras, enquanto expandimos as oportunidades de desenvolvimento para os nossos colaboradores em todo o mundo.

O talento é crítico para o sucesso deste modelo organizacional e deste próximo ciclo na EDP – é, por isso, um tema central desta edição. Encontrará histórias de colaboradores de diferentes partes do mundo e diferentes origens, que refletem a diversidade de competências e perspetivas da nossa organização. Nesta edição, pode também saber mais sobre o conceito inerente à criação dos nossos novos e funcionais espaços de trabalho.

Finalmente, nas próximas páginas, ficará a conhecer melhor António Lobo Xavier, o presidente do renovado Conselho Geral e de Supervisão para o mandato 2024-2026, que também terá um papel fundamental no percurso futuro da EDP. Nesta primeira entrevista desde que assumiu o cargo, António partilha as suas convicções e prioridades para o seu mandato, bem como as suas reflexões sobre os temas mais urgentes da atualidade, como as alterações climáticas e a inteligência artificial.

Boas leituras.



por Miguel Stilwell d'Andrade
CEO do grupo EDP

índice

// know



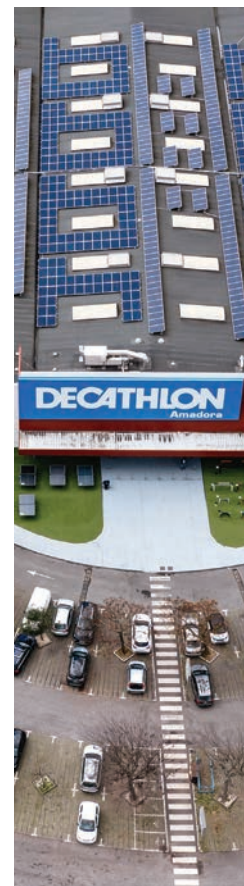
A EDP no Mundo
Assembleia Geral de Acionistas foi marcada pela recondução dos elementos do CAE e pelo anúncio do novo presidente do CGS.

■ p.10



Entrevista a António Lobo Xavier
Conheça o novo presidente do Conselho Geral e Supervisão da EDP.

■ p.14



Parceria sustentável
EDP e Decathlon uniram-se para desenvolver projetos de energia solar descentralizada.

■ p.24

// act



“Earth is calling you”
Colaboradores de vários cantos do mundo falam sobre a sua experiência de trabalho na EDP.

■ p.28



Novos espaços de trabalho
Saiba mais sobre a estratégia e conceito que uniformiza os espaços de trabalho no grupo EDP.

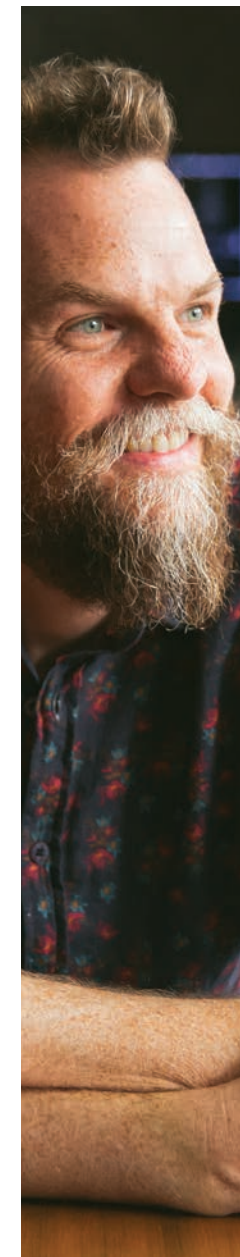
■ p.42



EDP Energia Solidária
Histórias de projetos sociais que receberam o apoio para uma transição energética justa.

■ p.48

// explore



Entrevista a Marcos Piangers
Como nos devemos relacionar com o trabalho, família e o nosso propósito de vida?

■ p.66

// inspire



Hibridização
A EDP inaugurou recentemente mais um parque híbrido em Portugal, e colocou em operação o primeiro em Espanha.

■ p.80



Entrevista com CEO da Rondo
Baterias térmicas são uma nova oportunidade para acelerar a descarbonização.

■ p.88



know.



CTT com mais postos de carregamento EDP

Os CTT escolheram a EDP Comercial como fornecedor exclusivo de uma solução integrada de mobilidade elétrica e passam a ter 550 pontos de carregamento em 110 localizações, criando uma rede ampla de fornecimento de energia para os seus mais de 700 veículos elétricos e híbridos, que já representam a maior frota elétrica do setor logístico nacional. Estes pontos de carregamento da EDP Comercial estão a ser instalados em localizações estratégicas dos CTT - armazéns, lojas e centros de distribuição.

Barragem com tecnologia 5G

A barragem da EDP em Castelo do Bode foi escolhida para lançar um projeto pioneiro: é a primeira barragem em Portugal dotada com tecnologia 5G, a mais recente geração de comunicações móveis. Através deste 5G Living Lab – promovido em parceria com a Vodafone – vão ser testadas situações reais em ambiente industrial, recorrendo a ferramentas como, por exemplo, realidade aumentada ou *robots*, entre outras.

Terceiro parque eólico no Canadá

O parque Sharp Hills, o maior parque eólico monofásico da EDPR na América do Norte, situado na região de Alberta, no Canadá, já entrou em funcionamento. Os 297 megawatts de capacidade instalada ajudarão a investir nas comunidades locais. Este parque é o terceiro projeto de produção de energia renovável da EDPR no Canadá, com 427 MW de capacidade operacional no país.

EDPR participa na CERAWeek 2024

O CEO da EDP, Miguel Stilwell d'Andrade, a diretora-geral de Hidrogénio, Ana Quelhas, e a COO da EDPR NA, Sandhya Ganapaty, foram alguns dos executivos que participaram na edição deste ano da CERAWeek. Amplamente considerado o encontro anual mais prestigiado de executivos globais de energia e serviços públicos e ministros de todo o mundo, a CERAWeek reúne líderes globais para avançar novas ideias, perceções e soluções para os maiores desafios enfrentados pelo futuro da energia, do ambiente e do clima.

EDPR assegura a próxima fase do SolarNova

A EDP Renováveis na APAC foi selecionada para a fase 8 do programa SolarNova, liderado conjuntamente pelo Conselho de Habitação e Desenvolvimento de Singapura e pelo Conselho de Desenvolvimento Económico de Singapura. A empresa compromete-se a fornecer uma capacidade solar mínima de 130 MWp, com potencial para atingir 200 MWp através deste projeto. Prevê-se a instalação de mais de 320.000 painéis solares em 1.075 edifícios de habitação pública de Singapura e em 101 edifícios do Estado, incluindo 55 escolas públicas.



AG aprova todos os pontos

01

A Assembleia Geral de Acionistas da EDP, realizada no passado dia 10 de abril, no auditório da sede I em Lisboa e por meios telemáticos, ficou marcada pela recondução de Miguel Stilwell d'Andrade como CEO, assim como da sua equipa executiva constituída por Rui Teixeira, Vera Pinto Pereira, Ana Paula Marques e Pedro

Vasconcelos. Os acionistas da EDP aprovaram todos os pontos em discussão, incluindo o aumento de dividendo relativo a 2023 para 19,5 cêntimos por ação. A reunião de acionistas marcou, ainda, a entrada de António Lobo Xavier para o lugar de presidente do Conselho Geral e Supervisão, substituindo João Talone.

.02

EDP Renováveis e Walmart fecham novo contrato

A EDP Renováveis e a Walmart assinaram um novo acordo (um Power Purchase Agreement ou PPA, na sigla em inglês) para o fornecimento de energia durante 15 anos que será produzida por um projeto solar que está a ser desenvolvido no Texas, nos Estados Unidos. O contrato com a Walmart diz respeito a uma parte do projeto, ficando a empresa com 225 MWp. Este PPA complementa os restantes

contratos corporativos de compra de energia que a Walmart já tem com a EDPR e que, agora, chegam aos 395 MW em energia solar e eólica de larga escala e cerca de 50 MWp em energia solar distribuída. Este contrato de longo prazo com a Walmart corresponde à comunicação feita ao mercado pela EDP Renováveis em outubro de 2023. O novo projeto a nível de larga escala terá capacidade que seria suficiente para fornecer anualmente o equivalente a mais de 27 mil casas do Texas e contribui com benefícios económicos significativos para a região.

.03

EDP ganha leilão de transmissão no Brasil

A EDP arrematou três lotes no primeiro leilão de transmissão de 2024, no Brasil. Os empreendimentos somam 1.388 km em quatro estados (Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins) e fazem parte dos investimentos da companhia em infraestrutura de redes para suportar a expansão das fontes renováveis e a transição energética no país. Desde 2017, a EDP já investiu mais de R\$ 4,6 bilhões em obras e projetos de transmissão em nove estados brasileiros: Goiás, Santa Catarina, Rio Grande

do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão, Espírito Santo, Acre e Rondônia. Atualmente, a empresa conta com 1.847 km de linhas no seu portfólio.

.04

Drones ajudam redes elétricas

Dentro da área de Inovação, o departamento de Engenharia da EDP Redes Espanha liderou e lançou um projeto que estuda a aplicação de BVLOS (Beyond Visual Line of Sight) na engenharia de redes elétricas. O projeto, testado em 17 quilómetros de linhas nas regiões das Astúrias e



Huesca, foi concluído no final de fevereiro. O projeto demonstrou que esta tecnologia permite obter medições topográficas detalhadas, incluindo zonas inacessíveis a pé, bem como medições diretas das alturas e densidades da vegetação que ajudam a escolher o traçado das linhas, reduzindo os riscos de saúde e segurança, os prazos e os custos

em comparação com as técnicas tradicionais. Além disso, a integração destes dados com o programa PLS-CADD (Power Line Systems - Computer Aided Design and Drafting) permite modelizar os traçados e melhorar a eficácia da sua conceção. Esta tecnologia é também facilmente escalável para outras geografias, especialmente Portugal.





ED&I, com o objetivo de fazer avançar a transição para a energia limpa. Sob a liderança de Sandhya, a EDPR NA continua a liderar a transição energética doméstica na América do Norte, tendo desenvolvido 9,9 GW de projetos de energias renováveis até à data e operando cerca de 9 GW de energias renováveis em todo o continente. Simultaneamente, a empresa ganhou inúmeros prêmios relacionados com ESG e ED&I, demonstrando esforços de diversidade líderes na indústria.



.05 EDPR NA inspira jovens mentes

Com o compromisso de capacitar as gerações mais jovens a seguirem as áreas STEM (science, technology, engineering and mathematics) e as energias renováveis, a EDPR NA esteve presente em duas ocasiões centradas na energia para estudantes, partilhando conhecimentos e ajudando os estudantes a aprender mais sobre o setor. Vários colaboradores da EDPR NA, juntamente com o contrato EPC (Engineering, Procurement and Construction) da empresa, Signal Energy, participaram numa feira de carreiras interativa na Highland

Elementary School em Ridgeland, Mississippi. Mais de 200 alunos do 5º ano participaram na feira, conversando com a equipa sobre carreiras e divertindo-se com as curiosidades relacionadas com a energia eólica e solar. A EDPR também participou no desafio regional KidWind, onde cerca de 75 alunos do 5º ao 8º ano mostraram os seus talentos e criatividade. A KidWind é uma organização que se dedica a ajudar educadores e estudantes a explorar as energias renováveis e o KidWind Challenge é uma celebração de *design*

interativo que envolve os estudantes através da perspetiva da energia eólica e solar.

.06

Sandhya Ganapathy distinguida pela CNBC
A COO da EDPR NA, Sandhya Ganapathy, foi nomeada como uma das Changemakers: Women Transforming Business, uma lista que inclui mulheres que estão a criar um modelo do que é necessário para desafiar as probabilidades, inovar e prosperar num cenário empresarial volátil. Sandhya foi reconhecida por ter implementado iniciativas impactantes de ESG e

.07

EDP investe em captura de carbono

A EDP, através da EDP Ventures, investiu recentemente na Captura, *start-up* com tecnologia que captura carbono através do oceano. A solução desenvolvida pela empresa permite que o CO₂ capturado possa ser armazenado permanentemente ou transformado em combustível com menos emissões, ajudando, assim, os setores mais difíceis de descarbonizar. A Captura tem atualmente duas instalações-piloto operacionais na Califórnia e está a desenvolver uma terceira. Estas instalações têm uma capacidade de captura de mil toneladas de

CO₂ por ano, prevendo-se a sua instalação na Noruega no próximo outono. Após este projeto-piloto, a empresa de origem norte-americana planeia um alargamento da operação comercial, com as primeiras instalações a capturar dezenas de milhares de toneladas de CO₂ ou mais por ano.

.08

EDP, Volt e Microsoft em parceria

A EDPR NA e a Volt Energy Utility estabeleceram uma parceria para o desenvolvimento do Hickory Solar Park, um projeto fotovoltaico de 110 MWac localizado perto de Jerseyville, Illinois.

A Microsoft concordou em comprar eletricidade e créditos de energia renovável (RECs) do projeto durante 15 anos. O acordo para Hickory utiliza um formulário de PPA (Power Purchase Agreement) de Justiça Ambiental desenvolvido pela Microsoft e pela Volt Energy, centrado na realização de investimentos em energia limpa em

comunidades rurais e urbanas afetadas de forma desproporcionada pela injustiça ambiental. Desde o envolvimento com membros da comunidade e funcionários do Governo local até às organizações e empresas locais, o projeto Hickory está orientado para se concentrar em assegurar a obtenção de resultados ambientais, sociais e económicos sustentáveis. //



Ser moderado pode
fazer falta no mundo
em que estamos”

Arturo Lobo Xavier

Presidente do Conselho Geral e de Supervisão da EDP



“Não faço nada sem o conselho familiar. Não é vinculativo, mas gosto sempre de ouvir um parecer.”

Com um percurso profissional sólido, em que imperou a diversidade e a vontade de viver por dentro cada nova experiência, António Lobo Xavier embarca, agora, num novo desafio - a presidência do Conselho Geral e de Supervisão da EDP. Figura ponderada e reflexiva, descreve-se como um homem livre, auto-crítico e promotor de consensos em todas as dimensões da sua vida. Confiante de que estará à altura da mais recente missão, faz questão de se ver como parte de algo maior, em que todos os que o rodeiam são determinantes.

Quem é António Lobo Xavier?

Nasci em 1959, na cidade de Coimbra, onde o meu pai era professor, e numa altura em que o país era completamente diferente. Hoje, tenho 64 anos, quatro filhos e quatro netos. Uma vida familiar de 37 anos, que é a parte mais importante da minha vida, que eu procuro preservar e cuidar. Não faço nada sem o conselho familiar. Não é vinculativo, mas gosto sempre de ouvir um parecer.

Depois, fui na maior parte do meu tempo um jurista. Era um professor de Direito mas sempre fui um jurista, e depois um advogado de *corporate*. Neste papel, comecei a interessar-me pela vida interna das companhias e quis sempre fazer parte dela. Nunca gostei de ser um advogado de escritório que nunca fazia parte da estratégia nem conhecia as discussões sobre as operações. Desde muito cedo comecei a ter posições executivas. Fui executivo de uma empresa cotada, a SIVA (retalho de automóveis) antes de fazer 40 anos, o que era, na altura, uma coisa rara. Depois, fui administrador executivo por mais de dez anos na Sonaecom. Depois dessa fase, tive muitos papéis não executivos em várias áreas: têxtil, vinhos, embalagem de vidro, na NOS e no BPI (Banco Português de Investimento), onde era vice-presidente antes de vir para a EDP. Portanto, sempre tive essa vida dividida: ▶

metade no escritório, metade nas companhias. Os executivos e os acionistas sempre aceitaram que eu tivesse um pé na vida da advocacia, que é uma vida bastante livre. E do lado da vida livre também aceitavam que eu tivesse uma presença especial nas companhias. Tive uma vida política que parou cedo demais. Não sei se estou arrependido, mas a minha vida política parou no último lugar político de direção partidária. Foi antes de começar o século XXI. Fui deixando a política pois a vida profissional ia absorvendo completamente o meu tempo. Mas mantive uma ligação à vida política, através de um programa que foi o mais antigo de debate político de Portugal. Tive uma presença que durou trinta anos. O programa, hoje, chama-se "Princípio da Incerteza", mas foi tendo vários nomes consoante as estações televisivas. Isso permitia-me acompanhar a vida política. Agora, foi algo que também deixei, pois a opção pela EDP implicava o fim da advocacia e o fim do comentário político livre, pois não são compatíveis. Fiquei quase só com a EDP e os meus *hobbies*.

E que *hobbies* são esses?

Para conhecer as pessoas acho que é importante saber o que elas fazem nos tempos livres. Quase toda a minha vida fiz *motocross*, algo um pouco agressivo para a minha idade, mas que ainda faço quando o tempo está bom. Mas a idade obrigou-me a evoluir para *mountain bike*, para bicicletas elétricas de montanha. Exige muito esforço também, mas mais suave. Toco guitarra e tenho uma grande coleção de guitarras - desproporcionada relativamente à arte que tenho para as tocar. No meu escritório tinha uma banda de *rock*, com a qual toco, frequentemente, em família, em encontros de amigos, em casamentos de filhos de amigos... Aliás, a única coisa que negociei com o meu escritório antes de cessar a completamente a relação e vir para a EDP foi: "posso continuar a tocar na banda do escritório?". Gosto também muito de cozinhar e, obviamente, gosto de ler, filmes, TV, viajar, essas coisas de que toda a gente gosta.

Estamos perante um homem de família, que até na família procura o consenso, que tem esta ligação à aventura e que valoriza muito a sua liberdade.

O que é que de tudo isto trará para a EDP e para este cargo que agora vai desempenhar?



“Eu venho para a EDP e a minha sensação de liberdade é essa: compromisso total mas trago as chaves do meu carro no bolso.”

A liberdade é algo muito importante. Lembro-me que o meu pai estava bastante doente, há 30 anos, quando eu estava para aceitar o meu primeiro lugar executivo operacional na Sonaecom. E lembro-me que ele, que era bastante livre, mesmo na sala de operações quando já estava muito doente, disse-me: “É muito cedo para tomares essa opção. Mantém a tua liberdade”. E eu escolhi não entrar para a Sonae nessa altura.

Há um segundo momento da minha vida, em que um professor meu, ex-ministro português, suspendeu as aulas para ir para o Governo e disse aos alunos, na altura: “Não julguem que se livraram definitivamente de mim, porque eu trago sempre as chaves do meu carro no bolso.”

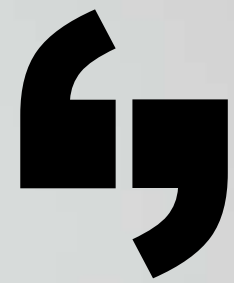
Eu venho para a EDP e a minha sensação de liberdade é essa: compromisso total, mas trago as chaves do meu carro no bolso. Venho para cumprir uma função o melhor que eu puder, ajudar a produzir valor para os acionistas, a cumprir as regras legais e as funções que estão nos estatutos, colaborar com as pessoas da EDP, mas terei sempre as chaves do carro no bolso. Seria horrível se corresse mal, mas eu sei que as tenho. E às vezes até toco nelas fisicamente.

Não estou dependente de carreiras ou de ligações, estou comprometido com os objetivos da função. E se não funcionar bem, também está tudo bem para mim. Mas vou procurar que os colaboradores e os acionistas da empresa não percam tempo com a minha presença e que ganhem alguma coisa com ela.



De que forma experiências tão distintas na sua vida moldaram a sua personalidade?

Sou uma pessoa muito crítica dos outros, com muita ironia. Quando somos assim ficamos hiper autocríticos e, às vezes, até um pouco inseguros. O que mais moldou a minha vida? O Direito, o respeito pelas regras e pelo sistema jurídico. Depois, o estilo de conversa com os outros. Trinta anos de debate na televisão, muitas vezes agressivo, formatou-me, sem eu sentir. Além disso, as pessoas têm um certo feito - há pessoas que são fechadas, eu sou extrovertido; há pessoas que são concentradas no detalhe, eu sou uma pessoa da visão geral. Quando estava na Sonae, fui à Suíça fazer uma formação que se chamava “Understanding the self, understanding the others”. Hoje sou obcecado com isso: temos de perceber os outros e de perceber como os outros nos vêem. As pessoas são todas diferentes, e a mesma frase para uns pode parecer uma ordem, para outros pode parecer uma agressão e para outros uma simples piada. Habituei-me a ter muito isso em conta. No resto, sou o que sempre fui, as várias funções que tive não me mudaram, essencialmente. ▶



Estou preparado para estas novas funções.”

Essa diversidade de experiências foi algo que tenha procurado proativamente?

Sinto que tive muita sorte. As pessoas tiveram muita paciência comigo, e é certo que eu também tenho tido muita paciência para as pessoas. Por exemplo, eu lembro-me de ter entrado para a Sonae e de me ser permitido que eu fosse executivo 70% do tempo e livre 30%. Tive a sorte das pessoas perceberem que eu não poderia estar fechado num sítio, que não seria a mesma pessoa. Não procurei a diversidade, mas sempre gostei de fazer várias coisas. Eu sabia que seria infeliz se me fechasse só num sítio.

O seu percurso profissional foi também sempre marcado pela exposição pública. O que lhe trouxe esta exposição?

Quando olhamos, hoje, para a exposição pública, vemos o quão trágica e dramática ela é - pode destruir e arruinar a paz de pessoas, de famílias inteiras. Outra sorte que tive é que vivi noutro tempo. Tive essa experiência de exposição pública quando não havia redes sociais, grande radicalismo

ou divisões em blocos. Isso permitiu-me, se fizesse bem, ser respeitado por todas as pessoas. As pessoas em que eu mais confiava na Assembleia da República, em matérias técnicas, chegaram a ser do Partido Comunista Português. Isso hoje deixou de ser possível. As pessoas estão divididas em trincheiras. Os outros são sempre péssimos. Não há meios caminhos. E, portanto, a exposição pública, hoje, pode matar as pessoas. No meu caso só me trouxe benefícios, mas também experimentei isso num tempo em que era mais fácil.

Há pouco falou dos outros terem paciência consigo, falou já várias vezes de sorte, mas a sorte faz-se também...

Trabalhei sempre muito, procurei ser sempre o melhor e tenho umas certas angústias no que diz respeito à perfeição. A maior angústia antes de vir para a EDP, era perceber “serei eu capaz de fazer isto?”. Os meus consultores e mentores pessoais diziam-me que sim, mas eu demorei um tempo a convencer-me.

E em que medida é que todo o seu percurso o irá preparar para o cargo que agora irá desempenhar na EDP?

A vida habituou-me a rigor, a legalidade, a respeito sagrado pelo dinheiro e pelo valor dos outros. E, depois, aprender sobre os negócios e sua linguagem, os números, as estratégias. Sempre fui preparado para olhar para os números e perceber os sinais, para olhar para um plano estratégico e perceber quais os desafios. Acho que estou preparado para estas novas funções. Mas é um mundo novo. Neste momento, estou numa *induction* intensiva com consultores de diferentes áreas para perceber melhor os desafios. Os executivos da EDP têm sido incansáveis a introduzirem-me no negócio, com muita profundidade, não escondendo nada. Portanto, acho que dentro de um tempo estarei em velocidade de cruzeiro.

Já consegue perceber quais vão ser as suas prioridades e os maiores desafios que tem pela frente?

Consigo, não sei se consigo falar deles de uma forma totalmente clara. Explicando melhor, tarefas como as que tenho pela frente no CGS tem várias linhas. Em primeiro lugar, vou dirigir um conjunto de pessoas das quais só conheço três ou quatro. Portanto, tenho, em primeiro lugar, de convencer, no sentido de negócio, aquelas pessoas que estou no lugar certo para as dirigir. A liderança é algo que precisa de legitimidade.

Depois, este CGS tem funções raras no contexto português. Este órgão mistura responsabilidades de conselho de administração, com responsabilidades de conselho fiscal, com responsabilidades de assembleia geral. É muito difícil de gerir. São funções muito variadas. Tenho de ter em atenção os acionistas e de ver as suas pretensões e preocupações, gerir a informação e a discussão com eles. Depois tenho de colaborar com os executivos, não só para conhecer o negócio, mas também para participar na definição da estratégia a médio e longo prazo. E, depois, tenho de os “controlar” e fiscalizar, de assegurar que cumprem as regras, de perceber quais são os riscos para a EDP e onde estamos bem... ou seja, é uma mistura de funções que eu nunca tive e que, aliás, pouca gente teve.

Foi por isso, por ser um grande desafio, que aceitou este convite?

Vou ser sincero: eu não sou o género de pessoa que está sempre à procura de desafios. Na verdade, a minha tendência intuitiva é de paz e tranquilidade.

Então o que o motivou?

Há fases na vida. Chegou uma altura na vida de advogado que achava que tinha de fechar. Senti que já estava cansado. O mesmo aconteceu na parte da advocacia corporativa. A política também estava a chegar ao mesmo ponto, em que ou saía ou avançava. Eu funciono por exclusão de partes. A EDP é um chamamento, é a maior empresa portuguesa, com a maior diversidade geográfica, há uma expectativa e uma ambição fantástica. Mas eu, entre estar sossegado e com grandes desafios e *stress*, prefiro estar sossegado.

Que visão é que tem para o futuro da EDP?

Seria muito arrogante se tivesse já certezas sobre isso. Eu vejo que a EDP, entre outras coisas, conseguiu chegar a uma posição ímpar no mundo em matéria de sustentabilidade. O reconhecimento público, quer da empresa em si, quer até dos seus executivos, mostram que a EDP está na linha da frente da modernidade. A modernidade do mundo não são as guerras ou os conflitos: é a transição energética e a sustentabilidade, os seus valores *core*. E aí a EDP está na linha da frente. Acho que proteger essa posição, criando valor, é o desafio mais importante da companhia.

A transição energética é, de facto, o core da EDP, num mundo que ainda procura consensos no combate às alterações climáticas. Que papel deve ter a EDP num *dossier* que tanto depende de cooperação internacional?

Nós estamos numa situação internacional em que há, novamente, enormes forças de recuo. O mundo do “oil & gas” está com mais força hoje, paradoxalmente, do que tinha há dois anos. Isso é fruto de várias razões, entre elas a incerteza do mundo, das crises económicas, as guerras,

“O reconhecimento público, quer da empresa em si, quer até dos seus executivos, mostram que a EDP está na linha da frente da modernidade.”

a própria pandemia e as dificuldades geopolíticas. A EDP estava na linha da frente da transição energética, levava a bandeira, de repente para o mundo, isso já não é um valor assim tão aceite. Há muitas pressões para que se proteja um valor de curto prazo recuando na passada da transição energética. Esse é um dos grandes desafios: convencer os *stakeholders* da EDP de que o trajeto continua a ser importante, mesmo do ponto de vista da criação de valor. Já não se trata apenas de uma missão de salvar o mundo, é também uma missão de se contribuir para a sustentabilidade do mundo, mas produzindo valor. Isso hoje nem sempre está claro.

Que perspetiva tem sobre os protestos dos ativistas do clima?

Eu distingo ativistas do clima dos ativistas radicais do clima. Não tenho grande respeito por estes últimos, que cometem crimes na sua forma de ativismo radical. E confesso que escolhem mal os alvos. No caso da EDP, ainda mais, porque a empresa é hoje praticamente limpa, abandonou, não sem dificuldades, as energias fósseis. Uma atividade radical dos defensores do clima contra a EDP é ridículo.

Como devem empresas que estão a investir na mudança de paradigma, como a EDP, responder às acusações de *greenwashing*?

Greenwashing, não sei como. No caso da EDP, são *brutal facts*: estão lá as eólicas, as barragens, os painéis solares, não há grande discussão. Alguém conhece outra maneira de fazer de forma tão acelerada a transição para uma produção de energia limpa? Se a EDP não é uma espécie de oásis no mundo da energia, então isso não existe. Só na vida selvagem é que não se usa água ou aquecimento.

Como é que conseguimos construir pontes com esta geração mais jovem para sermos todos parte de um mesmo caminho?

As gerações mais novas têm mais idealismo, mas isso é uma coisa comum a todas. Eu também tinha bastante mais força e mais idealismo quando tinha 18 anos e, portanto, isso é respeitável. Por outro lado, há algo que é verdade: o mundo está feito contra as gerações mais novas. Daqui a 30 anos, eles estarão aqui para pagar uma série de faturas. Este tipo de ativismo a que temos assistido é espalhafatoso, param-se estradas, atravessam-



se pontes, põem-se cartazes e atiram-se latas de tinta, mas não há um discurso estruturado a mostrar que a vida nas sociedades industriais democráticas está um pouco organizada contra o futuro e contra os mais novos e sempre na proteção dos mais velhos.

Como é que se faz um mundo em que se protegem os mais velhos e a esperança de vida crescente, mas ao mesmo tempo se dá ar para respirar aos mais novos? Esse é o grande desafio.

Daqui a 30 anos seguramente também olharemos para o tema da inteligência artificial de outra perspetiva. Estamos perante um risco ou uma oportunidade?

Todas as oportunidades têm riscos. Para uma mente aberta e que gosta de progresso, é muito difícil olhar para aquilo que a inteligência artificial assegura e ver mais riscos do que oportunidades.

“Não sou uma pessoa de cortar a direito, de viver ou de morrer sobre a espada.”

As oportunidades são esmagadoras. Todas as revoluções tiveram custos sociais brutais. Para a nossa mentalidade atual não estamos preparados para esses custos sociais, nem os queremos. E portanto, aquelas oportunidades da inteligência artificial só são boas para a nossa mentalidade democrática e social, como eu vejo no espaço da Europa, por exemplo, se conseguirmos travar as consequências sociais. Se elas forem tratadas num modo Darwinista, isto é, sobrevive quem se adaptar melhor, será uma tragédia. Se nós tivermos inteligência para conseguirmos compensar os efeitos sociais, que porventura serão maiores do que na revolução industrial, se nós tivermos inteligência e criatividade para isso, ela será muito útil.

E como vê o impacto da inteligência artificial no setor da energia?

Em quase todos os domínios. Desde as simplificações das redes até à tecnologia de gestão de redes, até também às formas de produção da própria energia, mesmo as mais limpas, passando pela comercialização e a relação com o cliente. As pessoas vão ter de adaptar as suas vidas e as suas profissões face àquelas novas ferramentas. Não vai ser para todos. Porque vai ser preciso estudar, vai ser preciso ter capacidades. Na EDP, apesar de toda a modernidade e tecnologia da empresa, nós temos um conjunto muito grande de colaboradores. As transformações têm de ser trabalhadas e pensadas em função da vida desses colaboradores. E, portanto, esse equilíbrio ainda não está estudado, e é a parte mais difícil da equação.

O mundo também está também a atravessar uma fase muito sensível em termos de geopolítica. E o próprio setor em que a EDP está inserido também é muito sensível geopoliticamente. Como é que vê o seu papel neste contexto?

Eu espero ter o mínimo de problemas geopolíticos, mas não os ignoro. A EDP está em várias geografias. É algo a que eu estou habituado, sobretudo na minha experiência na embalagem de vidro. A BA Glass, onde eu fui administrador há um tempo, tem presença no México, Roménia, Bulgária, Polónia, Grécia, Espanha, Portugal, já teve o Brasil. Estou habituado a perceber as diferenças das jurisdições: do sistema legal, do sistema de pensamento, do sistema cultural.

A EDP tem uma enorme diversidade, o que é uma ajuda. Se as coisas estão a correr mal num lado, podem estar a correr bem no outro. Mas é algo muito difícil de gerir. Não quero exagerar, mas em grande medida, uma parte do mundo está em pré-guerra. Todos os negócios com exposição a muitas geografias têm o drama da geopolítica. A EDP também. Depois também temos acionistas variados, com perspetivas diferentes sobre o mundo.

Eu julgo que o que se espera de mim - que tenho experiência política e até fiz parte de um Conselho de Estado - é que tenha alguma capacidade para proteger os interesses da EDP em presença de tantas diferenças. Quer das jurisdições, quer até dos estilos e dos perfis culturais de acionistas, e dos perfis culturais dos colaboradores. Em princípio, teoricamente, julgo que quem me convidou tem a ideia de que sou alguém habituado a estabelecer consensos, E ser compromissório e moderado pode, de algum modo, fazer falta no mundo em que estamos. Vamos ver se serve para alguma coisa.

E é essa a principal mensagem que quer passar aos colaboradores, acionistas e *stakeholders*: a de um homem de consensos?

Eu tenho consciência de todas as dificuldades. Tenho consciência de todos os sucessos. Tenho consciência dos equilíbrios que é preciso fazer para continuarmos neste caminho com sucesso. Não sou uma pessoa de cortar a direito, de viver ou de morrer sobre a espada. Não é o meu estilo. E acho que esse estilo de equilíbrio é importante num papel como o meu. //

EDP e Decathlon juntos na energia solar

A EDP e a Decathlon uniram-se para desenvolver projetos de energia solar descentralizada. São mais de 80 centrais solares, em seis países europeus, até ao final de 2026.

a EDP foi selecionada pela Decathlon, conhecida marca global especializada em artigos de desporto, para instalar até 80 projetos nos edifícios da empresa em seis países europeus. Vão ser instalados até 42 mil painéis solares nos telhados, estacionamentos cobertos e outros locais da Decathlon, alcançando uma capacidade instalada de até 21 MWp.

Esta iniciativa acelera o objetivo da Decathlon de produzir e consumir energia solar, aproximando a empresa do seu ambicioso compromisso de, até 2026, apenas utilizar energia renovável nas lojas de todo o mundo.

A parceria inclui centrais de produção descentralizada em Portugal, onde a maioria dos projetos já está instalada e em operação, bem como em Espanha, Bélgica e Itália, com instalações solares também em desenvolvimento nos próximos meses. O mesmo acontecerá em França e na Alemanha, promovendo a expansão da equipa de solar descentralizado da EDP para estes dois mercados, onde a empresa já está presente através da produção renovável em grande escala, com a EDP Renováveis.

Os contratos assinados em França e na Alemanha representam mais um marco importante na aceleração da atividade comercial da EDP, empresa que é já uma das principais impulsionadoras de energia solar descentralizada na Europa.

À medida que o projeto avançar, vai contribuir para cobrir até 50% das necessidades de consumo das lojas. O objetivo é concluir as mais de 80 centrais solares até ao final de 2026.



Com esta parceria, a EDP reforça o seu papel como parceiro-chave de grandes multinacionais, ao entregar em simultâneo nos seis países soluções solares personalizadas e adaptadas ao tamanho e características de cada edifício da Decathlon.

"Sermos escolhidos por um parceiro como a Decathlon para esta colaboração é um marco significativo para a EDP. O nosso compromisso em fornecer projetos solares multi-geográficos a clientes globais sublinha a nossa dedicação à inovação e à entrega de soluções de energia sustentável em todo o mundo. Este projeto é um testemunho da experiência e esforços colaborativos das nossas equipas europeias, unidas por um objetivo comum: avançar com a energia renovável à escala

global", afirma Vera Pinto Pereira, administradora executiva da EDP.

"O objetivo da Decathlon é alcançar 100% de eletricidade renovável até 2026 nas suas instalações próprias. Para isso, estamos a dar prioridade à energia solar e pretendemos ▶

implementar centrais solares nas nossas lojas, sempre que possível. Em 2022, a EDP foi vencedora de um competitivo concurso europeu, e desde então tem assinado contratos com a Decathlon e instalado painéis fotovoltaicos em muitos dos nossos locais. Este é um passo importante para melhorar a qualidade da energia renovável e reduzir as emissões de CO₂", diz Jean-Philippe Garraux, líder de Desenvolvimento Imobiliário Internacional da Decathlon. //



Mais de 1.700 lojas em todo o mundo

Uma marca global de desporto multi-especializada que atende desde iniciantes até atletas de elite, a Decathlon é uma fabricante inovadora de artigos desportivos. Com mais de 100.000 colaboradores e 1.700 lojas em todo o mundo, a Decathlon e suas equipas trabalham desde 1976 para cumprir uma ambição contínua: mover as pessoas através das maravilhas do desporto, ajudando-as a serem mais saudáveis e mais felizes num futuro sustentável.

23
Centrais solares
4,864 MWp
Capacidade instalada
Portugal

14
Centrais solares
6,886 MWp
Capacidade instalada
França

16
Centrais solares
1,636 MWp
Capacidade instalada
Espanha

1
Central solar
0,565 MWp
Capacidade instalada
Bélgica

14
Centrais solares
4,168 MWp
Capacidade instalada
Alemanha

15
Centrais solares
2,372 MWp
Capacidade instalada
Itália

Juntas, estas centrais poderão produzir até 21 MWh por ano, energia suficiente para abastecer com eletricidade renovável quatro mil casas. Ao instalar estes projetos, a Decathlon e a EDP estão a contribuir para evitar a emissão de cerca de cinco mil toneladas de CO₂ por ano, que seriam emitidas se a mesma quantidade de eletricidade fosse produzida nestes países a partir de fontes não renováveis. É o equivalente a dirigir 1.200 carros a gasolina.

Com mais de uma década de experiência e operações de geração solar descentralizada em quatro regiões do globo, este tornou-se um dos segmentos de negócios de mais rápido crescimento da EDP e espera-se que represente cerca de 50% da nova capacidade solar global nos próximos anos. A empresa está comprometida em investir 2,5 mil milhões de euros até 2026 para instalar mais 4 GWp em projetos solares em casas e edifícios de empresas, contribuindo assim decisivamente para a transição energética.



act.

Uma experiência de trabalho cada vez mais atrativa

A EDP tem-se focado em melhorar a experiência das suas pessoas, apostando em diferentes medidas, programas e iniciativas que materializam a sua proposta de valor para o colaborador. Ao longo das próximas páginas, conheça o testemunho de alguns colaboradores de diferentes regiões do mundo que responderam à chamada da nova campanha de employer branding da EDP: “Earth is calling you to work with us. Are you answering this call?”.

85% dos colaboradores sentem orgulho em trabalhar na EDP e 81% tenciona ficar na empresa pelo menos nos próximos 12 meses. Estes foram alguns dos resultados internos do estudo de clima organizacional que transmitem o sentimento de orgulho e de pertença da população global da empresa em trabalhar na EDP.

Estes resultados são também suportados por diversas distinções externas, como é o caso da recente certificação Top Employer, que certificou este ano a EDP e a EDP Renováveis como uma das melhores empresas para se trabalhar em 11 países.

Esta certificação é atribuída pelo Top Employers Institute, a maior empresa de certificação das melhores práticas de gestão de pessoas em organizações em todo o mundo.

Este ano, a EDP destacou-se globalmente nas áreas de estratégia de negócio, ética e integridade, onde obteve pontuação máxima, e ainda na dimensão do desempenho, ambiente de trabalho e sustentabilidade. Destacou-se ainda nos tópicos de diversidade, equidade e inclusão e bem-estar, nos quais obteve pontuações bastante acima do mercado global.

Estes resultados internos e externos são o reflexo de uma proposta de valor que a EDP pretende continuar a clarificar para dentro e para fora da organização reconhecendo o contributo dos seus colaboradores e atraindo

pessoas igualmente talentosas que permitam ao grupo EDP continuar a crescer enquanto organização à prova do futuro e focada em acelerar a transição energética.

Para continuar a atrair e a reter talento, a EDP lançou uma campanha global de posicionamento para comunicar a sua proposta de valor e recrutar diferentes perfis nas regiões da Europa, América do Norte, América do Sul e Ásia-Pacífico. Através desta campanha, a empresa teve como principal objetivo posicionar-se como empregador de primeira escolha a nível mundial e continuar a atrair talento jovem e experiente, de acordo com os objetivos definidos no seu Plano de Negócios.

“Earth is calling you to work with us. Are you answering this call?” (A Terra está a chamar-te para trabalhares connosco. Vais atender esta chamada?) foi o mote escolhido para apresentar a proposta de valor da EDP. Para apresentar a campanha, foi desenvolvido um manifesto que traduz esta proposta e cujas gravações contaram com a participação exclusiva de diversos colaboradores.

A EDP tem estado focada em melhorar a experiência das suas pessoas, apostando em diferentes medidas, programas e iniciativas que materializam a sua proposta de valor. Neste sentido, pretende-se, não só continuar a contribuir para um elevado grau de envolvimento, mas também atrair novos talentos para a organização. ▶

A proposta de valor da EDP reflete o conjunto de políticas, práticas e condições que caracterizam a nossa cultura e tornam a nossa experiência de trabalho atrativa para quem atende a chamada da Terra e escolhe trabalhar connosco para impulsionar um amanhã melhor.

As pessoas estão no centro da nossa estratégia e por isso a EDP está comprometida em...

Empoderar os seus colaboradores

Através de um ambiente de trabalho positivo e inovador que promove a colaboração e a agilidade na tomada de decisão.

Respeitar e valorizar cada pessoa

Proporcionando um local de trabalho flexível, saudável e inclusivo com um conjunto de benefícios atrativos.

Proporcionar uma experiência de trabalho com significado

Preparando as suas pessoas para os desafios do futuro, através de diferentes oportunidades de desenvolvimento e de mobilidade interna.

As pessoas que querem crescer são recompensadas e incentivadas”

Valle Rivero

Solar DG Acceleration Office
EDP



A EDP surgiu na sua vida como um *fit* natural entre os seus valores e expectativas: trabalhar numa empresa que quer construir um mundo mais verde, dando oportunidades de crescimento profissional. Não esquecendo as medidas que permitem conciliar o trabalho com a vida familiar.

“Penso que quem trabalha muito, é proativo e tem ambição, tem um longo caminho a percorrer na EDP”, diz Valle Rivero Gavarron, colaboradora espanhola que está na EDP há três anos, atualmente no “Gabinete de Aceleração” da Solar DG Europa. “As pessoas que dão um passo em frente e querem crescer são recompensadas e incentivadas, e as movimentações internas (tanto a mobilidade geográfica como a mobilidade interna entre departamentos) são altamente encorajadas para que quem quiser possa continuar a aprender e a desenvolver a sua carreira”.

Valle sempre teve como propósito fazer carreira em empresas com responsabilidade social e ambiental e para ela trabalhar numa empresa que tem como objetivo descarbonizar e construir um mundo mais verde, foi o *fit* perfeito. “Acredito que a EDP definiu objetivos ambiciosos para os próximos anos e que os está a cumprir, tornando-se uma empresa de referência na transição energética. A EDP está também a integrar e a promover a inovação e a digitalização de uma forma muito ágil, implementando medidas muito inovadoras quer nas soluções que oferecemos aos nossos clientes, quer internamente, para facilitar o trabalho dos nossos colaboradores”. Um exemplo disso é o Mind4EDP, a ferramenta interna de Inteligência Artificial que “nos ajuda a diferenciarmo-nos da concorrência”.

Outras das características que a fez escolher a EDP foi o ambiente de trabalho e de camaradagem “muito bom”, especialmente a proximidade da direção, “que não vi noutras empresas do setor onde realizei projetos como consultora”. Por último, mas não menos importante, considera que a EDP é uma empresa que facilita a conciliação entre a vida profissional e familiar, dando muita flexibilidade e apoio à maternidade/paternidade.

“No meu caso, sinto-me muito apoiada e tenho muita flexibilidade. Fui mãe há um ano e, depois de tirar a licença, regresssei ao trabalho, podendo trabalhar a partir de casa, se necessário, e com um horário que me permite ir para casa e estar com a minha filha antes de ela se deitar”, revela. “Além disso, tanto na minha equipa como noutras equipas próximas da minha, a média de idades é bastante jovem, entre os 30-40 anos, pelo que poder conciliar a vida profissional com a vida familiar é uma necessidade de muitos colaboradores da EDP e, pelo que vejo, a empresa disponibiliza medidas para esta conciliação”.

A nível profissional, “dado que o meu trabalho consiste em promover projetos e implementar iniciativas, considero que participei em vários projetos muito interessantes e estimulantes”. E dá como exemplo liderar o projeto de digitalização das operações da EDP Solar, para que tudo seja registado e gerido no mesmo sistema, desde a entrada do *lead* de um cliente até à montagem da sua instalação de autoconsumo. “Este projeto foi muito estimulante, uma vez que envolveu a coordenação da maioria das áreas da EDP Solar, com mais de 30 *stakeholders* envolvidos, e o resultado final teve um enorme impacto na eficiência das equipas e na experiência dos clientes e fornecedores”.

Outro projeto em que está atualmente envolvida é um programa transversal à empresa, denominado “Your Board”, em que 22 colaboradores do grupo EDP, de diferentes equipas e geografias, se juntam para resolver um desafio lançado por dois membros do Conselho de Administração Executivo, divididos em duas equipas de 11 pessoas. Um programa que está a permitir-lhe conhecer pessoas com quem normalmente não trabalharia e a sair da sua zona de conforto, enfrentando desafios completamente novos, fora das suas atividades diárias.

“Estou muito satisfeita com a minha equipa e com a minha função na EDP e, no futuro, gostaria de poder continuar a crescer e a desenvolver a minha carreira no grupo, gerindo uma equipa e trabalhando em projetos estratégicos para a empresa”, conclui, sublinhando a importância que têm os novos escritórios mais modernos, com espaço suficiente para todos, com ecrãs de trabalho e salas de reuniões com diferentes capacidades e disposições. “Estas melhorias facilitam o trabalho e, acima de tudo, o facto de estarmos todos no mesmo edifício, juntamente com a EDPR, dá uma sensação de empresa mais unificada”.



A minha expectativa e motivação é continuar a aprender todos os dias”

A EDP distingue-se pelo seu compromisso com a sustentabilidade e responsabilidade social, procurando ter um impacto positivo que vai além dos resultados financeiros. Essa é a convicção de Francisco Silva Antunes que fez “match” com a empresa há três anos.

“A EDP proporcionou-me um conjunto vasto de experiências desde o primeiro dia”, conta Francisco Silva Antunes. “Comecei como estagiário, participei num programa de *trainees* de sete meses e estou agora na Direção Financeira do grupo. As oportunidades de crescimento e desenvolvimento estão cá e surgem com os desafios diários”.

Tendo como principais responsabilidades a gestão da liquidez e financiamento de curto/médio prazo do grupo, acompanhamento da contratação de derivados financeiros e ainda o reporte da variação de caixa e dívida da empresa, não foi por acaso que Francisco escolheu esta empresa, onde entrou há três anos. A forma como a EDP procura impactar o mundo com as energias renováveis e a busca por um futuro mais sustentável não podia estar mais alinhada com os seus valores pessoais.

Um dos fatores que contribui para o sucesso dos projetos é a colaboração entre as equipas. “O diálogo é importante na tomada de decisões, permite-nos ainda melhorar e automatizar processos”, indica. “A colaboração é, em grande medida, inerente ao trabalho desenvolvido. Ainda assim, a EDP promove uma vida em comunidades que nos permite uma visão mais global do que está a ser desenvolvido dentro de cada ‘família’, no meu caso, a financeira”.

Diz que a empresa dá abertura e confiança em doses suficientes para promover “o nosso crescimento e desenvolvimento”. E o conselho que deixa é não ter receio de ser “proativo e aproveitar desde cedo a abertura de todos para questionar, não ter medo de o fazer é a melhor forma de crescer”.

Nesta que é a sua primeira experiência no mercado laboral, já participou em várias ações de voluntariado como na limpeza de praias e plantação de árvores na floresta de Sintra ou com o Just a Change, iniciativa em que os voluntários reabilitam as casas de quem mais precisa. Segundo ele, a cultura e valores vividos no escritório foram ao encontro das expectativas quando se candidatou à oportunidade de trabalhar numa empresa global com os pergaminhos da EDP.

Como experiência que guarda na memória, destaca uma dinâmica no último Natal em que substituíram o tradicional Amigo Secreto por uma entrega de prémios no departamento com os títulos de “Só mais 5 minutos”, o “Chief Party Officer”, a “GPS Tracker”. “A equipa até se transformou numa orquestra de violinos por uma tarde, bons momentos que fortaleceram o espírito da equipa e ficam guardados para a posterioridade”, recorda.

Para o futuro não podia estar mais confiante. “A minha expectativa e motivação é continuar a aprender todos os dias com os bons valores que temos dentro do grupo. Estando a EDP num mercado como o da energia, o futuro será certamente cheio de oportunidades”.

Francisco Silva Antunes
Finance Global Unit
EDP



O crescimento e a sabedoria advêm de abraçar o desconhecido”

O fator de diferenciação de qualquer organização são as pessoas e o trabalho em equipa. Juntando a isto os novos projetos e inovações, faz com que, para Eric Rivera, a EDP seja o sítio certo para se estar.



Eric Rivera
Asset Operations
EDP Renováveis
América do Norte

Na EDP desde 2020, Eric Rivera é gestor de operações da EDP Renováveis na região Leste dos Estados Unidos, supervisionando parques de energia eólica e solar nos estados de Ohio e Indiana. As suas principais responsabilidades são a promoção de um ambiente de trabalho seguro, a monitorização do desempenho, o desenvolvimento da liderança, a criação e manutenção de relações com a comunidade, e a promoção das melhores práticas.

Foi a oportunidade de trabalhar no setor de energias renováveis que motivou Eric a entrar para a EDP. “É um setor em crescimento e com muita inovação, e eu não queria perder esta oportunidade”, justifica, acrescentando que também foi uma forma de fazer algo diferente das suas experiências anteriores, pois como diz, “o crescimento e a sabedoria advêm de abraçar o desconhecido”. Muitos desafios é o que tem pela sua frente no dia a dia. “As energias renováveis, em particular na EDP, estão em

constante crescimento. Com este crescimento vem uma mudança constante e a necessidade de trabalhar e de pensar de forma diferente”, sublinha.

E, tal como acontece com todas as empresas em fase de crescimento, a EDP está constantemente a desafiar-se a ser melhor no desenvolvimento e crescimento profissional. “O departamento de Aprendizagem e Desenvolvimento tem trabalhado incansavelmente para criar um programa

robusto de crescimento profissional para todos os colaboradores da EDP”, afirma.

Eric Rivera defende que o principal fator de diferenciação de todas as organizações são as pessoas. “A EDP é uma organização repleta de profissionais apaixonados e dedicados que se preocupam verdadeiramente com o setor das renováveis. Isto é evidente quando se vê o esforço de Miguel Stilwell d’ Andrade e da equipa executiva até ao técnico de primeira linha no terreno. Cada indivíduo acorda e faz a diferença na EDP. Esta é a força da nossa organização e o que nos distingue”.

E dá um exemplo: “já trabalhei para várias organizações no passado, mas nenhuma delas se compara à EDP no que respeita à segurança. O departamento de segurança aqui na América do Norte está repleto de indivíduos compassivos e dedicados a quem posso telefonar a qualquer altura para obter assistência. Aprecio muito a sua cultura de trabalho e os valores que colocam as pessoas em primeiro lugar”.

Como recordação mais forte até agora na sua carreira ficou a sua viagem ao Brasil, em 2022. “Foi uma experiência muito emocionante para mim”, conta, “os meus colegas de São Paulo acolheram-me de uma forma espetacular durante o período que lá estive. O seu compromisso com a EDP e com o setor das energias renováveis ficou patente no seu entusiasmo e determinação.guardo com expectativa o dia em que poderei vê-los novamente”.

De acordo com Eric nada acontece no vazio, defendendo que o sucesso da empresa só será possível se todos trabalharem em equipa. “Veja-se o caso dos técnicos no terreno. Cada um deles é excelente à sua maneira, mas não podem manter os ativos sozinhos. Têm de confiar nos seus colegas para cumprir a missão. É isto que faz com que uma equipa de técnicos evolua de excelente para lendária. O mesmo se passa com qualquer colaborador da EDP, em qualquer departamento. Eu próprio não consigo atingir os meus objetivos sem o apoio da minha equipa”.

No final, faz questão de deixar a mensagem: “agradeço todos os dias a oportunidade de continuar a trabalhar para esta organização. A minha esperança é continuar a ser um membro positivo desta equipa e ver, em primeira mão, os novos projetos e inovações que a EDP tem em mente”.



Existem múltiplas oportunidades em termos de desenvolvimento na empresa”

Jimmy Li

Japan Country Manager
EDP Renováveis Ásia-Pacífico



O responsável pelas operações da EDPR no Japão promete reforçar a presença da companhia naquela região, cujo projeto de Fukushima é, neste momento, o mais emblemático. Garante que a transição de líder regional para uma plataforma global tem sido uma jornada transformadora.

Há dois anos, a EDP Renováveis (EDPR) adquiriu o Grupo Sunseap marcando a expansão da EDPR para a região Ásia-Pacífico (APAC). Esta aquisição incluiu as operações no Japão, onde Jimmy Li continuou a desempenhar o seu papel de *country manager*, liderando as operações neste país, supervisionando a expansão estratégica do negócio em alinhamento com a estratégia da EDPR na região APAC. E onde, obviamente, o crescimento do negócio continua a ser a principal prioridade.

“A transição de líder regional na APAC para uma plataforma global tem sido uma jornada transformadora para a nossa equipa local”, diz Jimmy Li. “Temos agora acesso à experiência e aos conhecimentos globais dos outros centros regionais da EDPR e podemos aplicar as suas aprendizagens na região da APAC, acelerando a transição energética aqui”.

Um dos projetos chave é o projeto solar de 44 MWp em Fukushima, no qual a equipa da EDPR se deparou com vários desafios, que acabaram por ser ultrapassados, apesar da complexidade das licenças e dos processos de aprovação. A construção do projeto já arrancou e a equipa já assegurou contratos de energias renováveis para mais de 130 MW em preparação para o mercado japonês.

De acordo com o responsável pelas operações no Japão, a colaboração com várias equipas foi fundamental para o sucesso do projeto Fukushima. “Aproveitámos a experiência de vários colegas, incluindo os das áreas de Engenharia e Construção, Jurídica e Fusões e Aquisições. A comunicação transparente com a nossa equipa de gestão da APAC também foi fundamental para sustentar o crescimento significativo do *pipeline*”.

Durante o processo de desenvolvimento dos seus projetos, as equipas da EDPR fazem questão de manter uma comunicação próxima com as comunidades locais através de reuniões públicas regulares. “Isto permite-nos informar a comunidade sobre os benefícios trazidos por estes projetos renováveis e também proporciona transparência durante a construção e o funcionamento do projeto”.

No que diz respeito às oportunidades de desenvolvimento e crescimento pessoal, Jimmy Li destaca o modelo de avaliação holística que dá a oportunidade de avaliar os membros da sua equipa com base no seu desempenho profissional, bem como de receber *feedback* e avaliação dos seus colegas. “É uma boa prática para todos nós melhorarmos juntos como uma equipa”, garante, salientando ainda os cursos de mentoria e *coaching* que a EDPR oferece, e a importância do portal de aprendizagem Campus Online, “onde temos inúmeros cursos em linha e materiais de aprendizagem disponíveis na ponta dos dedos”.

Em jeito de conclusão, afirma: “Existem múltiplas oportunidades disponíveis para nós em termos de desenvolvimento e crescimento dentro da empresa”.

Dentro das experiências que mais o marcou na EDP foi o evento EDPR Gathering, em maio do ano passado, que reuniu, em Singapura, todos os colaboradores da região APAC. “Foi muito impressionante para mim, porque transmitiu a mensagem de que a EDPR é um dos maiores produtores de energia renovável do mundo. Foi também animador poder interagir com os meus colegas da APAC pessoalmente, em vez de através de um ecrã ou de equipas”, lembra.

O percurso de Jimmy Li na EDPR tem sido notável, e o próprio garante que está longe de ter terminado. “Juntamente com os membros dedicados da nossa equipa, continuamos empenhados em contribuir com os nossos conhecimentos e experiência para impulsionar o sucesso no Japão”, adianta. “O nosso objetivo continua a ser assegurar o crescimento constante do negócio e reforçar a nossa presença no mercado local, refletindo a visão global da EDPR de excelência e sustentabilidade”. Está em curso mais um capítulo de sucesso mútuo.

“Quero ser uma referência para as mulheres eletricistas”

Foi uma pioneira na EDP, como uma das primeiras mulheres eletricistas num mundo dominado por homens. Agora o sonho de Andrea é crescer na empresa e abrir caminho para as muitas mulheres que ainda irão entrar como eletricistas.

Trabalha na EDP na reparação e manutenção da rede elétrica, tanto preventiva como corretiva, numa área, até há pouco tempo, dominada a 100% pelos homens. Foi exatamente isso que a motivou a entrar na EDP, há mais de três anos: saber que podia fazer a diferença. Participou então na escola de eletricistas só para mulheres, em Taubate, Vale do Paraíba, um projeto que teve mais de quinhentas mulheres inscritas para 16 vagas. No curso pôde superar vários medos e dificuldades, sendo o trabalho em altura o maior de todos.

“Um dos momentos marcantes para mim foi quando fui buscar a minha filha à escola e eu estava com o uniforme da EDP. Ela ficou muito feliz quando me viu e começou a contar aos seus amigos que eu era eletricista e que subia aos postes”, recorda Andrea Ramirez, a rir. “E ali vi-a com um brilho nos olhos, com muito orgulho da mãe ser eletricista, e os amigos todos empolgados por eu ser eletricista”.

Andrea diz que o que distingue a EDP das outras empresas no ramo elétrico é que é a empresa mais inovadora deste setor no Brasil, e que tem como um dos princípios-chave a vida em primeiro lugar. Mas há outras coisas que diz valorizar: a ética, a questão da diversidade e da inclusão, e do suporte através dos canais de atendimento.

“É uma empresa de oportunidades e possibilidades, tem um ambiente colaborativo e de crescimento mútuo, capacita o conhecimento e a aprendizagem profissional a todos sem distinção de idade género ou etnia”, destaca. Além disso, “fornece meios para um crescimento profissional através de cursos gratuitos nas suas plataformas e é uma empresa que dá *feedbacks* através da gestão, da avaliação holística”.

Outra das questões que a fazem sentir bem na empresa são os projetos em parceria com órgãos governamentais, ONG's (organizações não governamentais), universidades e comunidades. “A empresa contribui ativamente para o desenvolvimento sustentável das comunidades ao apoiar mais de 500 projetos de responsabilidade social”, diz, salientando um projeto realizado pela associação Aliar, através do Instituto EDP, que tem como objetivo ajudar as vítimas de violência doméstica e a reintegração de ex-toxicodependentes da cidade de Miracema, em Tocantins.

Ao nível do ambiente, aponta para a instalação da estação de recarga de veículos elétricos no aeroporto de Guarulhos, que contribuiu para a não produção de gases de efeito estufa, diminuindo os gastos de funcionamento e manutenção melhorando a mobilidade urbana sustentável.

Revelando-se disposta a encarar sempre novos desafios, Andrea Ramirez deixa a mensagem: “Quero ter um crescimento contínuo na aprendizagem e oportunidades que me tragam a possibilidade de um desenvolvimento pessoal e profissional, permitindo-me obter novas competências, novos desafios, novas conquistas. Quero tornar-me uma Gestora Negra, sendo referência para muitas mulheres que ainda vão entrar como eletricistas”. //



Andrea Ramirez Alves
Serviços de Distribuição
EDP Brasil

Os novos espaços de trabalho da EDP



“

Este novo conceito promove o empoderamento das nossas pessoas no que respeita à escolha do espaço de trabalho que melhor se adequa à sua jornada no escritório, através da diversidade de soluções e ambientes de trabalho disponíveis nos edifícios de escritórios do grupo EDP, promovendo o alinhamento e uniformização entre as diversas Unidades de Negócio, garantindo a adequação específica à dinâmica de trabalho de cada modelo” revela Rita Almeida Martins, *head of* Arquitetura, Design & Workplace Strategy do grupo EDP.

Também como conceito agregador das intervenções é a imagem destes novos espaços, alinhada com a narrativa de proximidade à natureza e sustentabilidade das soluções através das cores e materiais aplicados, com grande foco no aumento da sensação de bem-estar e conforto no local de trabalho. Como faz questão de sublinhar Rita Almeida Martins, este compromisso de conforto é também potenciado com a implementação de áreas de trabalho de uso informal e espontâneo, melhorando a experiência do colaborador na agilidade de utilização das diferentes áreas nos edifícios.

A recirculação do material de cada um dos espaços intervencionados é garantida através da reutilização de mobiliário em outras instalações do grupo, permitindo acentuar a integração de peças idênticas entre edifícios e reduzir significativamente o desperdício e inutilização de peças sobrantes. ▶

Reconhecidos em qualquer parte do mundo e totalmente alinhados com as políticas em vigor no grupo EDP. É esta a nova Estratégia e Conceito de Espaços de Trabalho no grupo, que reflete e reforça a importância da atratividade dos edifícios no atual contexto híbrido. Uma estratégia que se caracteriza por um conjunto de orientações comuns em termos de *look & feel*, tipologia de mobiliário, *design*, texturas e cores.



Rita Almeida Martins, *head of* Arquitetura, Design & Workplace Strategy do grupo EDP.

“Este conceito promove o empoderamento das nossas pessoas no que respeita à escolha do espaço de trabalho que melhor se adequa à sua jornada no escritório”

As principais alterações

Um dos principais objetivos é potenciar a concentração em proximidade das diversas Unidades de Negócio do grupo EDP, garantindo que as soluções adotadas são cada vez mais flexíveis e que permitem a rápida adaptação a novos cenários de ocupação, aumentando também a eficiência dos edifícios.

Gradualmente os espaços de escritório serão abrangidos pelo rácio de ocupação de 60% garantindo o alinhamento com o modelo híbrido de trabalho em vigor no grupo, estando implícita assim a *HotDesk Policy*, que deverá ser suportada pela reserva antecipada de posto de trabalho no edifício, através da ferramenta de marcação de espaço de escritório disponível na EDP ON. Esta política reforça a necessidade de abrangência da *Clean Desk Policy* a todos os colaboradores.

“Cada vez mais vamos ter disponíveis áreas convertidas em espaços de trabalho comuns ao edifício, com a implementação de modelos distintos de reunião, permitindo maior adequação do cenário de reunião à dinâmica das equipas”, revela a Rita Almeida Martins. “Também a integração do modelo híbrido de trabalho nos edifícios tem uma atenção privilegiada, de forma a assegurar que estão disponíveis ferramentas de trabalho que integram, simultaneamente, a comunicação de equipas que se encontram em trabalho presencial e trabalho remoto, através da integração de soluções acústicas em *openspace* com destaque para as *Phonebooths*”.

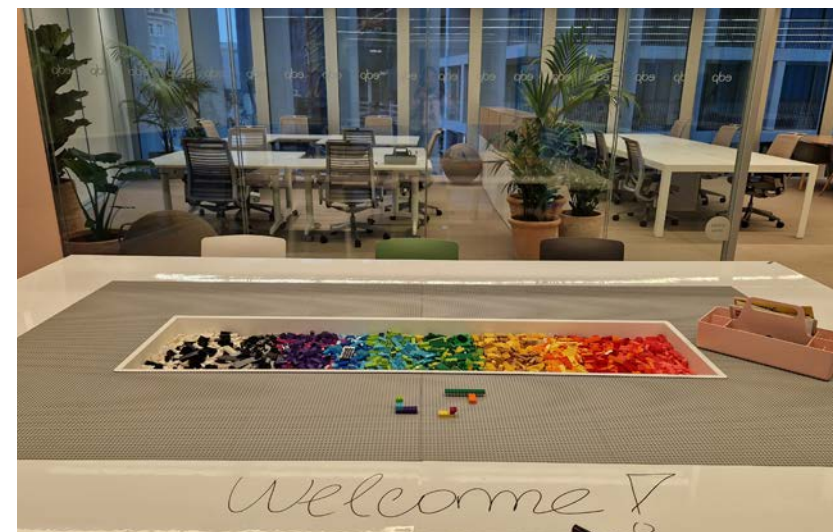
O impacto das novas soluções

Os espaços interiores têm uma oferta de soluções diferenciadoras e inovadoras, promovendo a espontaneidade na utilização dos equipamentos, e opções integradoras do modelo híbrido (particular preocupação com o ruído): postos individuais para trabalhar ou fazer reuniões, espaços colaborativos, várias *phonebooths* por piso para maior confidencialidade e foco, mesas elevatórias para se poder

trabalhar em pé, áreas *lounge* com opções de maior conforto, etc. “Apesar de existir uma maior integração de tecnologia nos pisos, é fundamental que esta seja comum a opções que potenciam a proximidade humana como reflexo da valorização que a socialização nos espaços de trabalho tem vindo a ter nos últimos tempos”, justifica Rita Almeida Martins.

Como a crescente valorização dos colaboradores na utilização de espaços exteriores, sempre que possível, são potenciadas estas áreas nos edifícios promovendo a sua utilização de forma multidisciplinar, quer como soluções de trabalho individual e em equipa, quer para momentos de pausas.

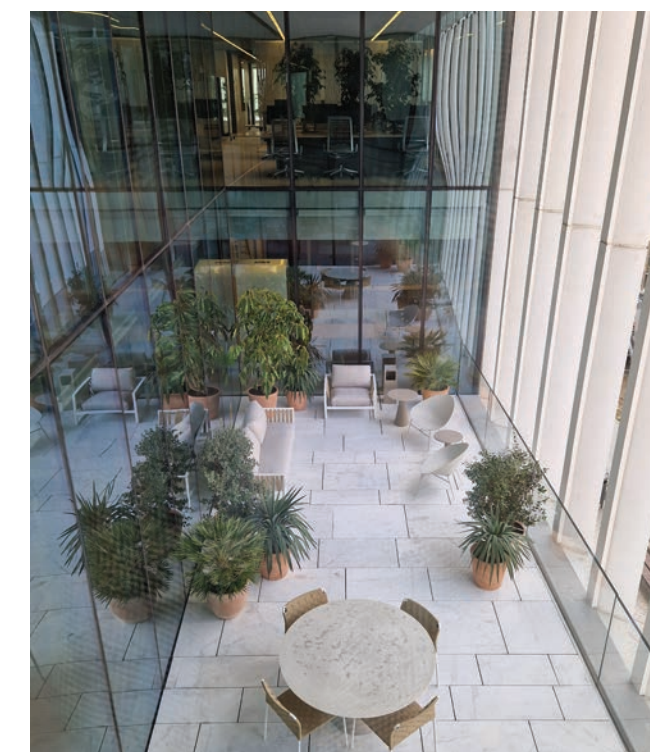
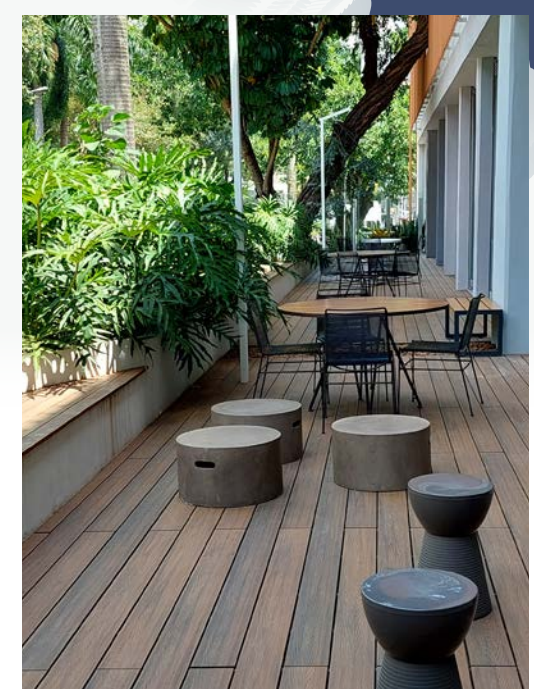
Melhores e mais diversas condições para o aumento do bem-estar dos colaboradores nos espaços de trabalho são também asseguradas através de diversas dimensões como o bem-estar físico, social e mental. Os espaços são reforçados com uma maior humanização com elementos naturais (paisagismo interior) que reduzem de forma inata a sensação de *stress* e nível de ansiedade, maior utilização de materiais



têxteis e madeiras, significativo aumento de conforto nos materiais e ambientes implementados. Neste âmbito, também o destaque para soluções cada vez mais inclusivas à diversidade dos utilizadores.

Em alguns edifícios é possível encontrar espaços de *mindfulness*, áreas de amamentação, espaço saúde e bem-estar, ginásio e área de cacifos para colaboradores não residentes e visitantes. Sempre que possível será feita a integração de área de *cowork* de forma a aumentar a flexibilidade da presença de colaboradores não residentes e equipas pontuais de trabalho em proximidade ao Negócio.

Gradualmente, vão estar disponíveis – sempre que aplicável - os novos espaços de restauração que estão alinhados com a diversidade de tipologia de refeições dos colaboradores EDP. Existirá uma solução inclusiva a quem pretende consumir uma refeição confeccionada pelo operador em simultâneo com áreas de aquecimento para refeições trazidas de casa ou encomendadas através de uma *app*. Estes novos espaços irão também refletir uma identidade visual comum em todos os locais onde sejam implementados. ▶



- Espaços administrativos**
- Portugal
 - Espanha
 - Roménia
 - Itália
 - França
 - Polónia
 - Grécia
 - Reino Unido
 - Hungria
 - Alemanha
 - Países Baixos
 - Colômbia
 - Brasil
 - Chile
 - EUA
 - Canadá
 - Singapura
 - Vietname
 - China
 - Indonésia
 - Japão
 - Coreia
 - Malásia
 - Taiwan

+ 23
Países

~ 130
Localizações

~ 330.000 m²
Espaços administrativos

EDP Solidária

Criado em 2004, o Programa EDP Solidária assumiu, no ano passado, o nome de EDP Energia Solidária, passando a estar orientado para o apoio de projetos sociais que promovem a transição energética justa. Nas próximas páginas apresentamos algumas das iniciativas contempladas.

Promovido pela Fundação EDP entre 2004 e 2021, o Programa EDP Solidária teve como objetivo o apoio a projetos vocacionados para promover a qualidade de vida de pessoas socialmente desfavorecidas e a integração de comunidades em risco de exclusão social. Nesse período, o Programa EDP Solidária apoiou a implementação ou manutenção de mais 415 projetos em todos os distritos do país, com um investimento de cerca de 18 milhões de euros.

Em 2023, o programa assumiu o nome de EDP Energia Solidária, passando a estar orientado para o apoio a projetos sociais que promovem a transição energética justa, em Portugal, Espanha e Brasil. Nesse ano, o programa investiu mais de dois milhões de euros em projetos sociais. Em Espanha, o programa foi lançado

em 2015 e apoiou já 174 projetos, aos quais atribuiu mais de cinco milhões de euros.

No total, os 600 projetos apoiados em território ibérico permitiram um impacto positivo na vida de cerca de dois milhões de pessoas. A EDP reforça assim o seu compromisso com a sociedade através deste programa, que faz parte de um dos eixos de intervenção do plano global de impacto social do grupo – EDP Y.E.S. – You Empower Society.

Em 2024, o Programa EDP Energia Solidária, cujas candidaturas decorrem até 31 de maio, vai continuar a apoiar projetos sociais que, ao promover a transição energética justa, tenham um impacto positivo junto de pessoas ou grupos em situação de vulnerabilidade, trabalhadores da economia social,

estudantes ou comunidades mais isoladas.

Podem candidatar-se entidades com e sem fins lucrativos, com respostas sociais em áreas como a inclusão energética, a proteção do património natural e da biodiversidade, a eficiência energética e energias renováveis, ou a mobilidade sustentável.

Para reforçar a capacidade do ecossistema social na criação de respostas inovadoras e com impacto na transição energética justa, uma rede de incubadoras parceiras da EDP Energia Solidária estará disponível para apoiar as entidades no processo de ideação e na preparação das candidaturas. As entidades vencedoras poderão também contar com acompanhamento de voluntários do grupo EDP na fase de implementação dos projetos. ►



Natureza, saúde e inclusão

Desenvolvido pela Cercipeniche, uma cooperativa de solidariedade social dedicada à capacitação e inclusão de pessoas com deficiência, assim como da comunidade em geral, o projeto Ecolive tem como missão oferecer à comunidade um programa de terapias inovadoras e sustentáveis.

Com base no conceito da Terapia Verde ou Natural, o projeto Ecolive visa promover o pleno exercício dos direitos de cidadania, centrando-se na relação do ser humano com a natureza e destacando-se pela promoção da eficiência energética e sustentabilidade ambiental. Este foi um dos projetos apoiados pelo programa EDP Energia Solidária, da Fundação EDP, que visa, não apenas melhorar a qualidade de vida das pessoas apoiadas pela cooperativa, mas também promover práticas sustentáveis e consciencializar a comunidade sobre a importância da relação entre o ser humano e a natureza.

"A ideia do Ecolive surgiu com a oportunidade criada pela Fundação EDP que veio ao encontro de algumas necessidades que tínhamos identificado: os custos elevados de manutenção de espaços como a horta e a piscina, o envelhecimento das pessoas apoiadas e a adesão limitada a terapias convencionais", explica João Gomes, da equipa Ecolive. E assim começou a ser desenhado o projeto que se destaca pela conexão entre o ser humano e a Natureza.

Através do Ecolive, será implementada a Terapia Verde ou Natural, concentrando-se na horta e na piscina terapêuticas. De que forma? Na horta, a sustentabilidade será maximizada com compostagem, utilização de água da chuva e estrume do burro Galileu, garantindo acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida.

Já a piscina terapêutica incorporará sistemas de aquecimento, tratamento de ar, iluminação LED e painéis fotovoltaicos, tornando as terapias mais sustentáveis. "Teremos atividades de terapia e fisioterapia aquática para bebés e adultos, entre outras", exemplifica João Gomes.

A expectativa é impactar pessoas de todas as faixas etárias, desde os mais novos até aos idosos. "Preende-se beneficiar cerca de 30 crianças, 90 adultos e colaboradores da Cercipeniche, além de estabelecer parcerias com organizações locais, escolas e agrupamentos, totalizando mais de 300 pessoas", explica.

Este é um projeto que se baseia na eficiência energética e na sustentabilidade ambiental, abordando questões como alterações climáticas, economia circular, mobilidade sustentável e gestão eficaz da água. "O apoio do programa Energia Solidária é fulcral, quer financeiramente, mas também através do apoio fundamental dos seus voluntários, tanto na fase de candidatura, bem como nas fases de implementação e desenvolvimento, e nos futuros apoios aos relatórios de análises do projeto".

As terapias verdes promoverão o bem-estar coletivo, fomentando atividades em grupo e partilha de conhecimentos intergeracional. Individualmente, incentivará estilos de vida saudáveis e sustentáveis, ligados à natureza e atividades físicas. Uma ideia que, espera João Gomes, se torne um exemplo regional de boas práticas sustentáveis. "Esperamos, no futuro, ter condições para replicar algumas das boas práticas que o Ecolive irá permitir implementar, como é o caso da instalação de painéis fotovoltaicos".

Este projeto é mais um impulso para a inclusão, o bem-estar e é uma inspiração para as comunidades abraçarem práticas sustentáveis. Desta forma, a Cercipeniche está a construir não apenas um projeto, mas um legado de cuidado, inovação e respeito pelo meio ambiente.



Memórias sobre rodas

Este é um projeto que combina a emoção de passear numa bicicleta adaptada com a descoberta de lugares emblemáticos da cidade do Porto, promovendo novas aprendizagens.

Em pleno coração do Porto, há um projeto inovador que tem vindo a transformar a forma como a terceira idade e as crianças com necessidades educativas especiais interagem com o património histórico da cidade. Desenvolvido pelo "Pedalar sem idade Porto", o Geocaching Sénior Porto combina a emoção de passear numa bicicleta adaptada com a descoberta de locais icónicos da Invicta, promovendo novas aprendizagens ao longo da vida e tornando o património acessível a todos os passageiros. Trata-se de um jogo em que existe um piloto, um passaporte e um *tablet* com uma aplicação acessível de *geocaching*, que ajudará os participantes a encontrar a caixa escondida nos locais mais inacreditáveis da Invicta enquanto passeiam de bicicleta.

A ideia para este projeto inspirador teve origem na Dinamarca – Cycling Without Age –, em 2012, sendo posteriormente importada para Portugal, em 2018. "O Porto foi a primeira localização. Demorámos um ano a implementar o projeto e angariar fundos para o primeiro veículo", explica Sílvia Freitas, coordenadora do "Pedalar Sem Idade Porto". Ultrapassar a barreira do ceticismo e da falta de compreensão sobre a proposta do projeto foi uma das principais limitações enfrentadas. O desafio de ir buscar pessoas idosas a lares para levá-las a passear de bicicleta pela cidade, uma atividade que muitos não associavam a essa fase da vida, exigiu um esforço maior, segundo a responsável.

Desde a sua implementação, o Geocaching Sénior Porto já proporcionou experiências a cerca de 8.000 pessoas na cidade. "O objetivo agora é estender essa iniciativa a mais municípios da área metropolitana, alargando o alcance e impacto deste projeto, que vai além do simples passeio de bicicleta".

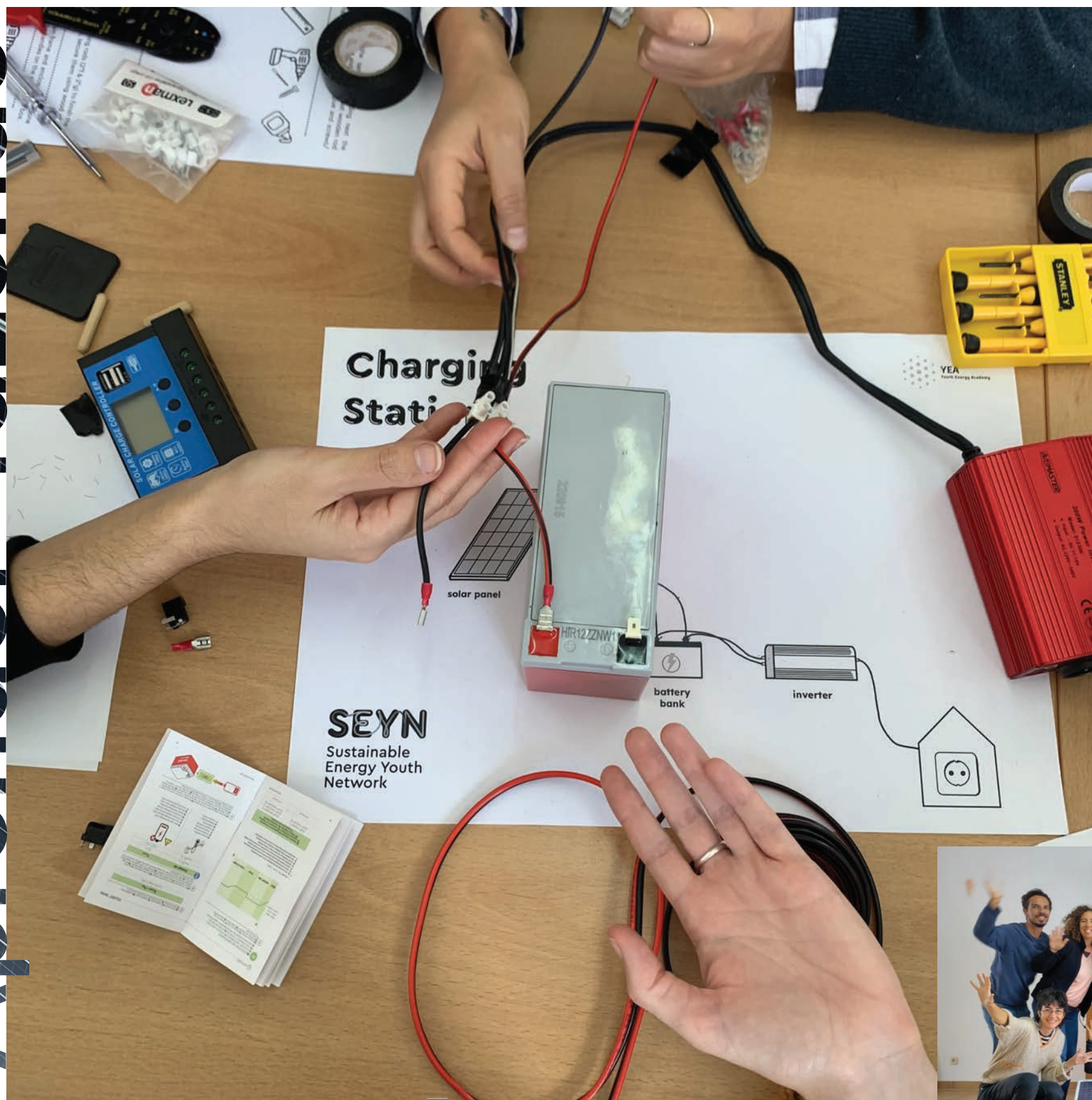
Recentemente, o projeto recebeu o apoio do programa EDP Energia Solidária, o que representa um impulso significativo. "Este suporte permitirá carregar baterias das bicicletas com energia de fonte renovável, possibilitando o aumento do número de veículos e a expansão das rotas para pedalar ainda mais longe".

Entre as histórias vividas durante as pedaladas, destaca-se a da Dona Isabel, uma passageira que solicita sempre passeios mais longos. "Num episódio memorável, queria percorrer a cidade de uma ponta a outra, mesmo quando a piloto alertou que a bateria não era suficiente para voltar, a D^a Isabel, sabendo que temos veículos dispersos por toda a cidade, respondeu: 'Vamos numa bicicleta até uma ponta, chegamos lá e pegamos noutra para regressar'. E assim foi", conta.

Os ciclistas, voluntários e verdadeiros contadores de histórias, realizam os passeios com o objetivo de combater o isolamento social: "pedalamos pelo direito ao vento nos cabelos, pelo direito à cultura e pelo direito à relação, reconectando idosos e pessoas com a sua comunidade de referência", conclui.

Sílvia Freitas deseja levar esta ideia a outras cidades. "A essência deste projeto vai além de proporcionar simples passeios de bicicleta; é sobre criar memórias, promover a inclusão e celebrar a alegria de aprender e conviver, independentemente da idade".

Aprender-fazendo



O projeto #SomosEnergia tem como objetivo desenvolver competências técnicas e interpessoais nos jovens NEET (Not in Employment, Education or Training), capacitando-os para desempenhar um papel ativo na transição energética das suas comunidades.

Desenvolvido pela Associação Sustainable Energy Youth Network (SEYN), em colaboração com a Universidade de Évora e a Drive Impact CRL, o #SomosEnergia tem como propósito criar uma cultura de mudança nas comunidades junto às centrais termoelétricas de Sines e do Pego. Este projeto, um dos vencedores do Programa EDP Energia Solidária, nasceu como uma extensão do Just-YEA, uma iniciativa voltada para jovens do Alentejo que visa capacitá-los para a transição energética.

Susana Guerreiro, co-fundadora e diretora da SEYN, explica que o objetivo é ampliar esse trabalho, abrangendo mais atividades e regiões geográficas. A meta principal é capacitar públicos vulneráveis, incluindo jovens

NEET, em três áreas-chave: energias renováveis, eficiência energética e mobilidade sustentável.

O #SomosEnergia teve início em novembro de 2023 e está programado para durar 12 meses. "Para adaptar e escalar o programa Just-YEA às necessidades das comunidades próximas das centrais termoelétricas de Sines e do Pego, foram realizadas adaptações nos conteúdos e formatos das atividades, em colaboração com parceiros locais", explica a responsável.

A colaboração entre a SEYN, a Universidade de Évora e a Drive Impact CRL é essencial para o sucesso. Segundo a responsável, "a Universidade de Évora, por meio da Cátedra de Energias Renováveis, lidera a qualidade dos conteúdos programáticos e partilha conhecimento sobre energia solar fotovoltaica, armazenamento de energia, com sessões dinâmicas e muito práticas que têm tido uma avaliação muito positiva pelos participantes; enquanto a Drive Impact organiza atividades de mobilidade ativa, como oficinas de reparação de bicicletas e passeios educativos."

O #SomosEnergia adota uma abordagem prática e disruptiva, enfatizando a aprendizagem fazendo e promovendo um ambiente de colaboração e experimentação. "A SEYN tenta mostrar que qualquer um pode construir um sistema de energia solar, que não têm de ser especialistas nem engenheiros, e que todos têm a capacidade de aprender-fazendo." Abraçam a experimentação, a coragem para liderar e não deixam muito espaço para o medo de falhar:

"acolhemos o falhanço como as lições mais valiosas. Não há avaliações, nem individualismos, trabalhamos em conjunto e damos liberdade para os jovens escolherem em que tarefa querem focar em cada momento", conclui.

A avaliação do impacto destas ações nos vários públicos-alvo e comunidades, será realizado através de várias metodologias. Como explica Susana Guerreiro, as *masterclasses* (sessões práticas focadas em aprender a fazer) estão a ser avaliadas através do número de inscritos e através de uma avaliação dada pelos participantes, respondendo a um questionário *online* após cada sessão.

A candidatura ao programa EDP Energia Solidária surgiu de forma natural. "O tema estava perfeitamente alinhado, e além disso, as zonas de transição justa identificadas pela Comissão Europeia em Portugal, coincidem com regiões onde a EDP tem historicamente uma importância para o tecido social", refere. A SEYN viu, assim, uma oportunidade de expansão do projeto a zonas ainda não abordadas, como o Médio Tejo, e agarraram o desafio de diversificar para incluir o tema da mobilidade sustentável e da eficiência energética, "temas que até agora eram abordados de forma mais superficial nas nossas atividades, mas que percebemos que fazia sentido aprofundar", conclui.

Após avaliar o impacto do #SomosEnergia, a SEYN planeia replicar a iniciativa noutras cidades, como Matosinhos, identificada como uma zona de transição justa pela Comissão Europeia.

Projeto Terra

Num mundo onde a urgência da sustentabilidade se torna cada vez mais evidente, surgiu o Projeto TERRA, uma iniciativa que visa transformar a forma como encaramos a educação ambiental nas escolas.

Educar

para transformar

É inegável que a escola desempenha um papel crucial na formação de consciências e tem o poder de influenciar comportamentos. Como dizia Nelson Mandela, "a educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo". É neste contexto que o Projeto TERRA - Transição Energética para a Recuperação dos Recursos Ambientais assenta, ao reconhecer o papel da educação na construção de uma sociedade mais consciente e responsável.

Uma das iniciativas mais marcantes do TERRA é o cultivo de espécies hortícolas e florísticas em modo biológico e hidropónico na horta escolar, mais especificamente na Escola Infanta D. Mafalda, em Gondomar. "Esta experiência prática não só ensina os alunos sobre a diversidade e ciclo de vida das plantas, mas também destaca a importância da preservação do solo e da água", explica Américo Sousa,

professor e coordenador do Departamento de Ciências Exatas e Naturais.

Além disso, a horta permite saborear os produtos produzidos, através do consumo direto ou através do consumo de produtos preparados no bar da escola e "utiliza água do poço existente na escola, através de um sistema de bombagem, sistema esse que permite, também, a rega dos espaços verdes", continua.

Este projeto tem como principal objetivo a contribuição para uma transição energética inclusiva e sustentável, através da capacitação da comunidade escolar para a adoção de medidas de eficiência energética que tragam conforto, com um custo energético adequado e preservando os recursos naturais e a consequente diminuição da pegada ecológica. "Numa perspetiva de 'Pensar globalmente e

agir localmente' queremos contribuir com as ferramentas à nossa disposição para uma descarbonização da atmosfera e para a prossecução da neutralidade carbónica até 2050, estabelecida por Portugal", afirma Américo Sousa.

A instalação planeada de painéis solares na horta representa um passo significativo em direção à autossuficiência energética. Mas no caminho da

descarbonização, este projeto vai ainda mais longe: no que toca ao transporte escolar, o TERRA está determinado a diminuir a dependência dos combustíveis fósseis. Através da cedência temporária de trotinetes elétricas, pretende-se incentivar meios de mobilidade mais sustentáveis, enquanto se promove a utilização de transportes públicos e a prática de exercício físico.

O apoio do Programa EDP Energia Solidária tem sido

vital para o sucesso deste projeto. Além dos recursos financeiros necessários, o programa fornece apoio técnico essencial, de forma a garantir que as medidas implementadas sejam as mais eficazes e adequadas às necessidades da comunidade educativa.

Segundo Américo Sousa, este programa possibilitará os recursos financeiros necessários à aquisição de equipamentos que permitirão

à Escola iniciar um processo de transição energética justa e sustentável contribuindo para a realização de soluções nas áreas da energia renovável e da comunidade educativa. Convém destacar o papel fundamental dos voluntários EDP que acompanham o projeto TERRA pelo apoio prestado na análise das propostas apresentadas pelas empresas e, também pela apresentação de sugestões a desenvolver", conclui.

“El Pueblo me alimenta”

Manter vivo o ambiente rural

Apoiar os pequenos agricultores, criando uma rede entre si e levando os seus produtos mais diretamente aos consumidores, foi um dos grandes objetivos do projeto “El Pueblo me alimenta”, que revitalizou a economia rural em algumas das aldeias de Aragão.



“O trabalho dos pequenos produtores merece ser reconhecido pelo seu valor incalculável na estruturação do território e este evento dá-lhes a oportunidade de se darem a conhecer ainda melhor”.

“Pessoalmente, ajudou-me a estabelecer uma ligação com os produtores, a divulgar o seu produto e a torná-lo conhecido no meu trabalho como chefe de cozinha e professor”.

“A experiência foi muito positiva, tanto na apresentação como depois no contacto com os fornecedores. É uma boa ideia poder realizar este tipo de atividade com o objetivo de

fazer chegar os produtos aos nossos clientes”.

Estas foram algumas das reações dos participantes da iniciativa “El Pueblo me Alimenta”, um dos projetos apoiados pelo EDP Energia Solidária, que nasceu da ideia de trabalhar para o desenvolvimento rural em conjunto com o setor agroalimentar em algumas aldeias de Aragão, em Espanha.



A revitalização socioeconómica do território rural, através da promoção do consumo local, provocando uma mudança nos padrões de consumo, mais sustentáveis e geradores de riqueza esteve na base desta ideia. De que forma? Apoiando os produtores como elementos-chave do desenvolvimento da região, contribuindo para valorizar o seu património cultural, gastronómico e social.

As iniciativas incluíram ações diretas com o consumidor em mercados, campanhas de *marketing*, ações de eficiência energética e a criação de uma plataforma para servir de mostra e de ferramenta de intercâmbio e apoio mútuo aos produtores integrados na rede.

Rosa Rived Calvo, mentora do projeto, diz que o principal desafio foi “manter vivo o ambiente rural”. Além disso, o “Pueblo me alimenta” enfrentou o desafio de levar os produtos locais aos consumidores da capital. Metade da população de Aragão está na capital, e o acesso aos produtos rurais nas capitais pode ser melhorado.

“Os sistemas de produção locais e conscientes,

conhecendo a origem, diretamente do produtor, contribuem para cuidar do ambiente, minimizando a poluição do transporte, tanto das matérias-primas como do produto final”, defende Rosa, acrescentando que a eficiência energética e as energias limpas têm sido outros desafios.

O apoio da EDP teve, de acordo com Rosa Rived Calvo, o impacto previsto, melhorando o conhecimento e o consumo dos produtos rurais entre os clientes urbanos, além de reduzir os custos das empresas agroalimentares rurais. Mas ainda há muito trabalho a fazer.

Os Grupos de Ação Local de Aragão continuam a trabalhar para o desenvolvimento rural, de mãos dadas com o setor e Rosa diz que irão continuar a trabalhar para reproduzir a ideia em novos espaços, nas capitais de província de Aragão. “Há muito a fazer, há sempre pessoas para sensibilizar, novos produtos para dar a conhecer, novas empresas para apoiar a fim de melhorar a sua economia, por isso continuaremos à procura de novas ajudas para complementar o nosso trabalho quotidiano”.

De Molina Artesanas Alimentarias

Mais eficiência energética no negócio

Constituída apenas por duas pessoas, as irmãs Concha e Antonia, a De Molina é uma empresa artesanal que tem feito um importante caminho no que diz respeito a formas de produção mais sustentáveis.



“O que estamos a fazer é estar presentes onde quer que nos chamem e contar a nossa experiência, caso sirva de modelo para que outras pequenas empresas como a nossa decidam dar o passo para procurar soluções eficientes para alguns dos seus consumos, tanto de água como de eletricidade”.

Uma das coisas que as sócias da De Molina fazem questão é de continuarem a formar-se em diferentes áreas. O último curso que fizeram foi sobre economia circular, descobrindo que já punham este recurso em prática mesmo sem o saberem: “Uma das nossas culturas é a malagueta. O mercado só quer malaguetas verdes em *pickle*, e ficavam no campo as malaguetas vermelhas, que tinham amadurecido demasiado. No início, eram deitadas para o chão, como adubo orgânico, mas pensando no que podíamos fazer com essas malaguetas vermelhas, criámos um patê vegetal com azeite virgem extra e vinagre de vinho, e criámos um escoamento mais económico para um produto que antes deitávamos fora”. Agora é um dos seus produtos-estrela.

“A nossa empresa é muito pequena, familiar, somos apenas duas pessoas, mas estamos sempre à procura de novos produtos a partir das matérias-primas que cultivamos, pois somos muito inquietas”.

“Quando fomos informados deste programa, não hesitámos e participámos para melhorar a nossa eficiência energética, ajudando-nos a aperfeiçoar a nossa adaptação a períodos de maior consumo e maior produção de energia”, contam-nos as responsáveis pela De Molina Artesanas Alimentarias, de Caspe, em Zaragoza.

Um padrão de consumo de energia pouco linear sempre foi o maior desafio da empresa. Há dias em que são atingidos picos de consumo e outros onde pouco ou nada se passa, pois como empresa artesanal que é, a sua atividade depende muito do ritmo das encomendas. “Este foi um desafio que resolvemos controlando os picos de consumo, incluindo um mapa de consumo para saber quando precisamos de mais energia e adaptarmo-nos a esses momentos de maior produção”, justifica.

As artesãs alimentares, que apostam em produtos locais - como a curcuma e as alcaparras, mas que também trabalham para inovar com outros produtos - estão muito conscientes da importância da sustentabilidade e do cuidado com o ambiente natural, já que um dos pilares básicos da empresa é o cultivo integrado das matérias-primas, que depois “temperamos e conservamos nas nossas quintas”.

“Apercebemo-nos de que tínhamos um grande potencial no nosso ambiente, porque temos muitas horas de sol e seria interessante para a nossa loja colaborar com a sustentabilidade, reduzindo o consumo de eletricidade da rede para energia de autoconsumo através de painéis fotovoltaicos”, explicam. Em cerca de três meses prepararam e puseram em prática o projeto.

Para começar, fizeram vários *upgrades* nos sistemas de irrigação localizada e na utilização de redes biodegradáveis nas suas culturas, reduzindo consideravelmente o consumo de água e melhorando a eficiência. O passo seguinte foi reduzir a utilização de eletricidade.

“Um dos nossos objetivos enquanto empresa é crescer de uma forma mais sustentável, fazendo uma utilização responsável da energia que temos ao nosso dispor, procurando um futuro melhor e mais sustentável, empenhados em promover a eficiência hídrica e energética e, ao mesmo tempo, incentivar o desenvolvimento rural na nossa zona”, justificam.

“Gostaríamos que esta nossa ideia - de sermos mais sustentáveis e eficientes - fosse replicada noutras regiões”, adiantam.

Um novo caminho para a sustentabilidade

As comunidades energéticas locais são uma realidade cada vez mais presente nesta mudança de paradigma que tem por base a energia descentralizada.

Nos últimos anos tem-se verificado um crescimento das energias renováveis para autoconsumo, que significa a produção de energia renovável em que os consumidores de energia passam a ter capacidade para produzir, consumir, armazenar, partilhar e até mesmo vender energia elétrica. A produção descentralizada de energia baseia-se nas fontes renováveis com o intuito de melhorar a coesão social e territorial através da independência energética, alocação de recursos e criação de empregos em regiões menos desenvolvidas do país.

Neste sentido, entraram em cena as Comunidades Energéticas Locais (CEL), em Espanha, que são muito mais do que grupos que partilham energia de uma instalação energética: são espaços de diálogo que fomentam a participação, colaboração, construção de compromissos, confiança e um profundo sentido de pertença. Esta abordagem reflete a visão de que a energia renovável não apenas ilumina casas, mas tece laços nas comunidades.

Atenta a esta mudança de paradigma, Abidanza, uma pequena aldeia em Huesca, começou, em 2019, a estudar a possibilidade de instalar painéis fotovoltaicos para bombear água da rede municipal de abastecimento de água, com a intenção de beneficiar os residentes e as empresas do concelho, através de poupanças consideráveis nos custos energéticos. Para tal, contando com o incentivo do presidente da Câmara, Javier Labat, os habitantes locais uniram-se na criação de uma cooperativa, marcando o início de uma frente comum para desenvolver projetos sustentáveis.

Como refere Javier Labat, o objetivo final é o de "criar hábitos de consumo mais baixos, otimizando os picos de produção dos painéis, fazendo também parte desta consciência no caminho que tem vindo a ser percorrido, no sentido da descarbonização da energia e, portanto, da redução das emissões". E sublinha: "o programa da EDP deu o impulso necessário para a criação da CEL Creation, com uma excelente assessoria técnica, jurídica e administrativa".

Sendo uma das primeiras CEL desta comunidade, a ideia é trabalhar em conjunto com outras CEL já formadas. "Também estamos dispostos a promover e ajudar qualquer movimento da população que esteja disposto a empreender o caminho de uma CEL", faz questão de afirmar.

Mas o caminho não foi fácil. "Sabíamos que muitas pessoas estavam interessadas no projeto, mas havia também muitos vizinhos que tinham dúvidas. Mas a maioria decidiu finalmente aderir à Cooperativa mesmo antes da sua criação", refere o responsável do município. "Por conseguinte, a aceitação da CEL no município é muito elevada, o que significa também dispor das receitas necessárias para continuar a avançar para um município energeticamente sustentável e mais verde".

Constituída em 2023, a ideia é agora candidatar-se a subsídios em 2024, para poder efetuar a instalação. Abidanza está no bom caminho.



Escolas Sustentáveis, Comunidades Resilientes

O projeto “EDP Energia Viva: Integrando os ODS nas Escolas”, em São Paulo, Brasil, foi concebido com o objetivo de promover ações transversais que abordem não só a questão energética, mas também as dimensões sociais e ambientais, comprometendo-se com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), nas escolas onde se moldam as futuras gerações.

O Energia Viva tem como missão impulsionar iniciativas sociais, ambientais e de transição energética na Escola Estadual Ernesto Quissak, em São Paulo, região de concessão da EDP, com ênfase na implementação de fontes renováveis de energia e hortas com reaproveitamento da água da chuva. “Este projeto pretende contribuir para a melhoria da qualidade de vida destas comunidades, promovendo uma transição energética justa e uma sustentabilidade ambiental”, explica Beatriz Ramos, analista de Serviços Tecnológicos, do Instituto SENAI de Tecnologia Química e Meio Ambiente.

De acordo com esta responsável, a inspiração para a concepção deste projeto foi influenciada pela adoção dos ODS pela comunidade internacional, inclusive pelo Brasil, como uma agenda global para o desenvolvimento sustentável até 2030.

A urgência em melhorar a qualidade de vida em comunidades vulneráveis, “como as escolas públicas em Guaratinguetá, motivou a busca por soluções que proporcionassem acesso à energia limpa, alimentação saudável e educação ambiental”, indica. Este projeto

não visa apenas reduzir as disparidades sociais e ambientais, mas também promover um desenvolvimento mais equitativo e sustentável, enraizado nos princípios dos ODS. “Uma das vertentes fundamentais do projeto é a oferta de oficinas e cursos de capacitação na área de energia elétrica, visando não apenas a implementação das tecnologias sustentáveis, mas também a criação de oportunidades de emprego, especialmente para mulheres em situação de risco, com o objetivo de promover uma sociedade mais justa e equitativa”, explica. Um projeto que espera impactar diretamente 532 pessoas.

De acordo com a responsável pelo projeto, o Energia Viva terá um impacto ativo na comunidade local, promovendo não só a sustentabilidade ambiental, mas também o desenvolvimento social, econômico e educacional de forma inclusiva e equitativa.

Na comunidade local, ao implementar fontes renováveis de energia e práticas sustentáveis nas escolas públicas, o projeto proporcionará acesso a energia limpa e sustentável. Além disso, a criação de hortas comunitárias e a promoção da educação

ambiental irão incentivar hábitos alimentares mais saudáveis, aumentar a segurança alimentar e promover a conexão das pessoas com o meio ambiente.

Desta forma, o projeto capacitará alunos, professores e membros da comunidade em temas relacionados com a energia, sustentabilidade e meio ambiente, contribuindo para o desenvolvimento de *skills* e conhecimentos que podem ser aplicados dentro da escola e nas suas vidas diárias e futuras carreiras. “O envolvimento da comunidade em atividades voluntárias e projetos de impacto social também fortalecerá os laços comunitários e promoverá um senso de pertença e responsabilidade compartilhada pelo bem-estar do ambiente local”.

Para alcançar estes objetivos, o projeto conta com a parceria do SENAI São Paulo, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, e possíveis alianças com ONG’s, além do apoio do programa EDP Energia Solidária. “A ideia do projeto é que possamos desenvolver noutras escolas de São Paulo futuramente, sob área de concessão da EDP”, conclui Beatriz Ramos.





explore.

Marcos Piangers

Autor, jornalista e speaker

“Nas equipas, precisamos de pessoas boas, de pessoas que gostem de pessoas, que consigam cultivar a sensação de grupo”



“Protagonismo e felicidade: a mudança que fazes no mundo” foi o tema da sessão que teve lugar no auditório da EDP na sede de Lisboa, que encheu para ouvir Marcos Piangers, um reconhecido autor brasileiro que veio falar sobre como nos devemos relacionar com a nossa família, os nossos colegas de trabalho e com o nosso propósito de vida.



Como é que define felicidade no trabalho, e quais são os principais desafios que as pessoas enfrentam nos dias de hoje para encontrar essa felicidade?

Primeiro precisamos de definir o que é felicidade para encontrar o caminho para chegar até ela. Para algumas pessoas, felicidade é alegria, para outras é prazer, e para outras até é sofrimento, como referem alguns estudos de psicologia.

Para a ciência, felicidade é bem-estar de longo prazo. São as condições genéticas herdadas ou que podem ser desenvolvidas para que sintamos bem-estar ao longo da vida. É preciso então encontrar, a longo prazo, motivos para olhar em redor e sentir emoções positivas. O pai da psicologia da felicidade, Martin Seligman, resume a busca da felicidade em cinco passos, que ele chama de PERMA – Positive Emotions, Engagement, Relationships, Meaning e Achievement.

Quando olhamos para os últimos 20/30 anos de estudos sobre a felicidade humana, começamos a entender o que é, de facto, a felicidade. É ter emoções positivas ao longo da vida, engajamento com aquilo que faz; bons relacionamentos amorosos/afetivos/de amizade; é encontrar significado e impacto naquilo que se faz no trabalho e sentido de legado naquilo que está a deixar para o mundo; e, por último, sentir que está ativamente a superar os seus próprios limites.

E a verdade é que nós podemos trazer tudo isto para o ambiente de trabalho, e sermos felizes a trabalhar.

Quais são os sinais de que alguém pode não estar feliz no trabalho?

As pesquisas são amplas e mostram que 98% da classe trabalhadora considera-se cansada, e 48% infeliz. Então é só perceber que metade das grandes empresas do mundo dizem-se, hoje, infelizes. Temos algumas pesquisas de consultoras mundiais que indicam que boa parte da força

“Podemos cultivar as emoções positivas. É como um exercício que fazemos no ginásio para melhorar os nossos músculos do corpo, mas, neste caso para melhorar as nossas emoções”

de trabalho está, inclusivamente, a pensar demitir-se e a procurar emprego noutras empresas. Frances Frey, uma investigadora que trabalhou com a Microsoft e a Uber, percebeu que a infelicidade vem muito do sentimento de indignidade que os colaboradores sentem, da sensação constante de estarmos a ser transformados numa máquina, e isso cria desinteresse. E o desinteresse é inimigo da produtividade. Hoje, nós sabemos de algumas práticas que podem tornar essa força de trabalho mais engajada.

Que práticas diárias ou hábitos as pessoas podem incorporar nas suas vidas para cultivar um *mindset* mais positivo?

Podemos cultivar as emoções positivas. É como um exercício que fazemos no ginásio para melhorar os nossos músculos do corpo, mas, neste caso, para melhorar as nossas emoções. As pessoas acham que as emoções definem o nosso pensamento, mas é o contrário: as nossas crenças é que vão definir os nossos pensamentos e, estes, por sua vez, é que vão definir as nossas emoções. Se quisermos ter emoções positivas, temos de melhorar as nossas crenças. Por exemplo, se a pessoa tem a crença que está a ser estourada no trabalho e que aquilo que produz não faz diferença nenhuma para aquela empresa, ou que aquilo que a empresa constrói não tem impacto absolutamente nenhum no mundo, essa crença vai atrapalhar o foco e fazer com que a pessoa tenha emoções negativas. Mas nós próprios podemos também trabalhar essas emoções positivas trabalhando propósito, significado e gratidão. A gratidão é uma das emoções mais poderosas que existem, porque não deixa espaço para a infelicidade ou a amargura, e pode ser exercitada como exercitamos os músculos. Todos os dias, antes de dormir, podemos anotar pelo menos três coisas pelas quais estamos gratos. Desta forma, estaremos a exercitar esse olhar mais agradecido, aproximando o nosso foco de uma emoção positiva e, conseqüentemente, a conduzirmos nós próprios as nossas emoções.

Além disso, também sabemos que, numa empresa, podemos cultivar a comunicação das coisas positivas que esta faz na sociedade, do impacto positivo que tem no mundo, para aumentar o índice de propósito em relação ao que os colaboradores fazem. Por incrível que pareça, um dos maiores motivos de engajamento no dia a dia do trabalho são, também, os relacionamentos. Sabemos,

através de pesquisas científicas, que um chefe parceiro tem equipas mais motivadas. E equipas motivadas são equipas que entregam mais resultados. Nas equipas, precisamos de pessoas boas, de pessoas que gostem de pessoas, que consigam cultivar a sensação de grupo, de parceria. A consultora Gallup é bem clara nos últimos estudos quando diz que ter um bom amigo no trabalho é um dos maiores fatores do aumento de engajamento das pessoas e, conseqüentemente, de felicidade.

Como é que a conexão com a nossa “criança interior” pode influenciar a satisfação no trabalho? Em que medida a espontaneidade e a criatividade associados a essa “criança interior” podem ser aplicadas no contexto do trabalho?

O José Saramago dizia que a criança é aquilo que sobra de melhor nas nossas vidas. E sabemos através de pesquisas científicas que as crianças na faixa dos cinco anos são mais comunicativas, colaborativas e criativas do que os adultos. Também sabemos que as crianças relacionam-se de uma forma menos complexa, ou seja, que as crianças conectam-se muito bem com o R de *Relationships*.

O grau de envolvimento também é algo característico da criança. Se ela está a fazer algo, seja a desenhar no papel ou a andar num passeio sem pisar as linhas, vai fazer aquilo ▶



Nos últimos anos, aconteceu a quebra de uma das máquinas mais importantes de todas as empresas: a máquina humana. As empresas estão a questionar-se se toda aquela transformação dos humanos em máquinas não foi uma estratégia equivocada.”

com muito empenho. E também vai fazer tudo para desafiar os limites. As crianças em geral, demonstram emoções positivas, conseguem acreditar que o mundo vai ser melhor, que conseguem fazer as coisas por si próprias e acreditar que as outras pessoas são boas e que irão ajudá-las. Ou seja, dos cinco pontos apresentados pelo Martin Seligman na sua análise sobre a felicidade humana, temos na criança pelo menos quatro bem estabelecidos. E, então, conseguimos através delas uma pista: podemos conectar-nos com esse nosso lado que já era feliz e reconectarmo-nos com a nossa criança interior.

De que maneira a cultura organizacional pode impactar positivamente a expressão da “criança interior” no ambiente de trabalho?

Em geral, vimos, nas últimas décadas, empresas a tratar os seus colaboradores como robôs. Pensávamos que as empresas que tivessem uma boa hierarquia, uma boa estrutura organizacional, metas e horários bem definidos, resultaria na entrega de mais resultados. Mas, nos últimos anos, aconteceu a quebra de uma das máquinas mais importantes de todas as empresas: a máquina humana. E temos grande parte da força de trabalho atualmente deprimida, ansiosa, descomprometida e infeliz. As empresas estão a começar a questionar-se se toda aquela transformação dos humanos em máquinas não foi uma estratégia equivocada. E eu acredito que foi. Podemos ter empresas que valorizam resultados, mas que valorizam também relacionamentos; que valorizam a inovação, mas que também ouvem as reclamações dos seus colaboradores. Podemos construir empresas melhores que colocam no topo a saúde mental e física e a felicidade dos seus colaboradores.

Acredita que a procura de um propósito no trabalho está diretamente ligada com a felicidade profissional? Como é que as pessoas podem descobrir e cultivar esse propósito nas suas carreiras?

Eu digo sempre que o propósito é a última coisa que vamos conquistar. Porque, em geral, o propósito vem depois de algo que descobrimos que fazemos bem. Geralmente, começamos a trabalhar para pagar as contas, para sair da casa dos pais, para ter alguma independência. Depois, vamos descobrindo no que realmente somos bons e onde podemos fazer uma carreira. A ideia de propósito surge quando percebemos que podemos deixar um legado através daquilo que sabemos fazer bem. O propósito tem que ver com o nosso futuro, com aquilo que queremos fazer; o legado tem que ver com o nosso passado e com aquilo que vamos deixar para o mundo, de uma forma mais específica ou mais abrangente. Uma boa forma de pensar no nosso propósito é imaginarmo-nos a nós próprios no futuro, já velhinhos, a olhar para trás e dizer: “olha o que eu fiz, deixei este legado”.



É importante não trazer tecnologia para a mesa das refeições e prestar atenção àquilo que os nossos filhos, as nossas esposas ou maridos dizem e fazem.

No lado das empresas, o mais importante é trabalhar bem a comunicação do impacto positivo que se tem na sociedade, envolvendo toda a gente. Muitas vezes os colaboradores não se sentem parte da equipa que cria esses resultados, e isso, resulta em pouco envolvimento e falta de conexão. É preciso que as pessoas se sintam como uma peça fundamental naquela equipa que está a construir um futuro relevante.

Uma palavra fundamental para si é criatividade, usada também na forma de como podemos incorporar esta característica para tornar a paternidade uma experiência mais envolvente e significativa. Quais são algumas práticas diárias ou atitudes que os pais podem adotar para fortalecer a conexão com os filhos?

Um dos grandes problemas da modernidade é a falta de tempo. Não temos tempo para os nossos filhos e ainda disputamos o pouco tempo que temos com o telemóvel, sempre conectados a redes sociais ou a notícias que roubam a nossa atenção. Pesquisas científicas mostram que as redes sociais e as notícias negativas são grandes causas de infelicidade e de problemas familiares. Portanto, uma das práticas fundamentais é a valorização do tempo, deixar o telemóvel em modo silencioso durante todo o tempo que estamos em família. É importante não trazer tecnologia para a mesa das refeições e prestar atenção à família, àquilo que os nossos filhos, as nossas esposas ou maridos dizem e fazem. É dessa forma que cultivamos um sentimento de proximidade e conexão com a família. Isso é fundamental para que as ansiedades se acalmem para que as necessidades emocionais dos nossos filhos sejam atendidas. É importante conseguir passar o amor não apenas por palavras, mas através de atitudes.

Na sua opinião, como é que a tecnologia pode ser usada de maneira positiva para aproximar pais e filhos, em vez de afastá-los?

Aqui em casa, dividimos o uso tecnológico em três Cs. Se usar para Consumo, como para ver vídeos no Tik Tok ou outras redes sociais, fique muito atento, porque isso é muito perigoso e vicia tanto como açúcar. Há que estabelecer limite de horário, hora e local certos para ser usado.

Algumas famílias têm o dia sem tecnologia, mas eu ainda gosto mais das que têm o dia com tecnologia, porque o padrão para essas famílias é não ter tecnologia. Acho muito bonito quando conseguimos tirar a tecnologia de dentro de casa, porque as crianças aprendem mais com a interatividade analógica do convívio e com a conversa do que com a interatividade digital.



O pai mais cool da internet

Marcos Piangers já foi orador nos maiores eventos e empresas do Brasil, e nos palcos de Portugal e Inglaterra, além de ser cinco vezes orador do TEDx, a maior conferência de ideias do mundo. Os seus vídeos já alcançaram 500 milhões de visualizações na *internet* e sua talk está entre as mais bem avaliadas do Brasil. É autor do *best-seller* "O Papai é Pop" com mais de 1 milhão de cópias vendidas no Brasil, Portugal, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos e chamado por revistas portuguesas de "o pai mais cool do Brasil". A sua história chegou aos cinemas, estando disponível no Amazon Prime Video. É considerado o maior produtor de conteúdos sobre paternidade do Brasil, com mais de 6 milhões de fãs nas redes sociais e incontáveis vídeos na *internet*.

E, principalmente, é pai da Anita e da Aurora, as filhas que dão sentido a tudo que faz.

Mas há outros dois Cs que acho muito saudáveis: Conexão e Criação/Conhecimento. Quando usamos a tecnologia para aprender ou para nos conectarmos com as pessoas que amamos, aí sim, está a ser bem usada.

Como é possível lidar com uma vida acelerada e a falta de tempo devido aos compromissos profissionais e, ao mesmo tempo, priorizar a família?

A família vai exigir de qualquer pessoa, compromissos. O marido, a esposa, os filhos vão ter de, tempos em tempos, se sentar e chegar a compromissos, investigar indignidades, perceber se estão felizes, e combinar formatos para que todos se sintam bem. Para algumas famílias, o facto de uma mãe trabalhar muito poderá não ser um problema se isso estiver acordado previamente, pois não existirá essa expectativa, que já foi discutida. Mas é importante que essa investigação seja honesta e profunda, que vá até ao fundo das emoções. Esses acordos vão ajudar a família a perceber como é que podem viver nesta vida acelerada. Se em algum momento os filhos estiverem infelizes porque os pais estão a trabalhar demais é preciso, então, reunir a família e perceber como reajustar o estilo de vida. Quando esses compromissos estão bem estabelecidos, as famílias conseguem lidar com as exigências modernas e com a vida acelerada que toda a gente vive hoje.

No seu livro "O Papai é Pop", partilha muitas histórias pessoais. Como é que a vulnerabilidade e a autenticidade podem contribuir para fortalecer os laços familiares?

Todos somos humanos e é importante que os nossos filhos saibam que uma das nossas características mais bonitas é a imperfeição, e que tudo na vida vai ser imperfeito. Em algum momento, a criança vai perceber que o pai e a mãe são imperfeitos, e é bonito que o filho descubra as imperfeições dos pais, porque assim o filho não exige a

© Giselle Sauer



© Fábio Jr. Severo

perfeição a si próprio. Ele percebe que o pai e a mãe também sentem medo, raiva e tristeza e que, dessa forma, não vai precisar de se condenar quando sentir essas emoções. E, portanto, essa imperfeição humana torna tudo perfeito. Abraçar a imperfeição é um dos maiores ensinamentos da vida: abraçar as promoções e também as demissões; abraçar os casamentos e também os divórcios; abraçar os nascimentos e também as despedidas. É uma das maiores lições que podemos incorporar na nossa vida. //

“Todos somos humanos e é importante que os nossos filhos saibam que tudo na vida vai ser imperfeito. Abraçar a imperfeição é um dos mais importantes ensinamentos da vida.”



inspire.

Novos parques híbridos entram em operação

A EDPR inaugurou recentemente mais um parque híbrido em Portugal. Localizado nos concelhos de Penela e Ansião, região centro do país, este projeto combina energia eólica e solar no mesmo local, sendo o segundo do género em operação em Portugal.

depois de inaugurar, no ano passado, na região do Sabugal, o seu primeiro parque híbrido - o primeiro do género na Península Ibérica - a EDP avançou agora com a inauguração de mais um parque híbrido em Portugal. A unidade, que se encontra adjacente ao Parque Eólico de São João, em operação desde 2008, com 22,8 MW de capacidade, tem como nova adição a Central Solar Fotovoltaica Monte de Vez, com 21 MWp e uma produção anual estimada de 31,4 GWh. Com a combinação destas tecnologias, o complexo passa a ter uma capacidade total de produção de 79 GWh por ano, que seria suficiente para abastecer cerca de 23 mil famílias na região, anualmente.

Composta por 36 mil painéis bifaciais instalados junto aos 13 aerogeradores do parque eólico, a nova unidade otimiza a rede elétrica existente, garantindo um fornecimento mais constante de energia graças à complementaridade entre a produção eólica e solar. Estima-se, também, que evite a emissão de 40 mil toneladas de CO₂ por ano, contribuindo significativamente para a descarbonização da região.

Situados nos concelhos de Penela (distrito de Coimbra) e Ansião (distrito de Leiria), estes parques reforçam os investimentos da EDP na zona centro do país, onde já opera mais de 280 MW em energia eólica. Este novo parque híbrido destaca-se como parte da estratégia da EDP para acelerar a transição energética em Portugal, seja investindo em novos projetos renováveis ou otimizando os existentes.

“É com orgulho que voltamos a ser pioneiros em Portugal e colocamos em operação o segundo parque híbrido do país, aproveitando o vento e o sol da região para aumentar o consumo de energia renovável. Este projeto faz parte da estratégia da EDP de continuar a acelerar a transição energética nacional, seja ao investir em novos projetos renováveis ou a otimizar aqueles que já têm servido as regiões onde se encontram. Vamos continuar a desenvolver projetos híbridos em Portugal e esperamos implementar mais 700 MW em projetos semelhantes, nos próximos anos”, afirma Hugo Costa, responsável da EDP em Portugal.

A hibridização de ativos existentes, combinando tecnologias como eólica, solar e hídrica e/ou



O parque
é composto
por 36 mil painéis
bifaciais instalados
junto a 13 aerogeradores

O parque híbrido, situado em Penela, é o segundo parque do género a ser inaugurado em Portugal

adicionando baterias para armazenamento de energia, emerge como uma estratégia fundamental para o crescimento das energias renováveis. Ao utilizar e partilhar entre duas ou mais tecnologias as infraestruturas elétricas já existentes, não só aumenta a eficiência destes projetos como promove a estabilidade de custos e ainda reduz o impacto ambiental e paisagístico.

Portugal tem evidenciado o êxito das energias renováveis: desde 1 de janeiro até 12 de março as renováveis abasteceram 88% do consumo nacional. Segundo dados publicados pela REN, a produção de energia renovável em Portugal atingiu novos máximos no início de 2024, tendo alcançado valores recorde na hídrica e na solar. “Atingiu-se um novo pico de produção de energia solar, com 1976 MW; e o novo máximo histórico de produção de energia hidroelétrica, 7280 MW, no dia 11 de março, ultrapassando o anterior máximo de 6907 MW”, refere a REN. Porém, o país enfrenta desafios para manter essa trajetória de descarbonização: a demora no licenciamento, burocracia nos processos e a disponibilidade limitada de recursos, como mão de obra e matéria-prima, são obstáculos a superar.

Apesar desses obstáculos, a EDP, alinhada com o compromisso com a transição energética de Portugal, avança em diversas frentes. Está previsto um investimento de mais de 850 milhões de euros, nos próximos três anos, para impulsionar a transição do país para energias limpas, consolidando-se como um dos principais agentes de descarbonização.

O grupo tem sido um ator decisivo em projetos inovadores, como o encerramento da central de Sines, onde agora está a desenvolver projetos de hidrogénio com uma meta ambiciosa de 1,5 GW de capacidade de eletrólise até 2030. No setor *offshore*, é pioneiro com o projeto WFA (25 MW). Destaca-se também em Alqueva, sendo pioneiro na hibridização em Portugal, reconhecendo o potencial desta abordagem para equilibrar preços de energia, otimizar infraestruturas e reduzir a pegada ambiental.

Além disso, a EDP é líder em projetos híbridos, tendo sido a primeira empresa a operar um projeto híbrido eólico e solar em Portugal, tendo expandindo essa inovação para outros países como Espanha, Roménia e Polónia.

O balanço da hibridização

PORTUGAL Um ano de sucesso

A EDPR celebra um ano de conquistas com o seu primeiro parque híbrido da Península Ibérica, localizado no Sabugal, atingindo marcos na produção de energia sustentável. Ao longo do último ano, o projeto demonstrou um bom desempenho, gerando 37,4 GWh de eletricidade, o suficiente para abastecer cerca de 11 mil famílias.

Um dos pontos fortes é o significativo aumento na eficiência de produção quando comparado a um parque eólico convencional. O híbrido superou os 23 GWh que o parque eólico produzia anualmente sem a adição de energia solar. Além disso, evitou a emissão de 19 mil toneladas de CO₂ no seu primeiro ano de operação.

O mês de agosto foi o período de maior produção do híbrido, alcançando 3,9 GWh.

Em julho, a componente solar atingiu a sua produção máxima, contribuindo com 1,8 GWh, enquanto janeiro viu o componente eólico liderar com uma produção de 3,1 GWh.

Um marco essencial foi o aumento significativo no fator de utilização da rede: com a introdução dos 17 mil painéis solares, esse indicador aumentou de uma média entre 20% a 40% para uma consistente taxa acima dos 40%, chegando a atingir os 60% em vários meses.

O sucesso deste primeiro ano reforça o compromisso contínuo da empresa na promoção da energia híbrida como uma solução eficiente. Este projeto pioneiro sinaliza o caminho para um futuro mais verde e reforça o papel vital dos parques híbridos na produção de energia renovável.



Os parques híbridos do Sabugal (em cima) e de Ávila (em baixo) são a prova da aposta da EDP na promoção da energia híbrida como uma solução eficiente e sustentável

ESPAÑA Primeiro projeto híbrido eólico-solar já entrou em operação

Com o lançamento do primeiro projeto híbrido em Espanha, em fevereiro, a EDPR deu um passo crucial para diversificar e intensificar a produção de energia renovável neste país.

O projeto, denominado “Cruz de Hierro”, localizado em Ávila, alcançou um feito ao ser conectado à rede no início deste ano. “O primeiro parque híbrido eólico-solar do país demonstra o espírito pioneiro da EDPR, uma vez que fomos a primeira empresa a obter autorização para operar estes projetos em Espanha e Portugal.

Com este híbrido, a empresa maximiza a geração de energia das duas tecnologias, aumentando a estabilidade da rede e garantindo um fornecimento constante de energia. Vamos continuar a desenvolver soluções sustentáveis que otimizem a utilização dos valiosos recursos naturais de Espanha”, afirmou Miguel Stilwell

d’Andrade, CEO da EDP.

Esta é uma colaboração ambiciosa composta por 22 aerogeradores, totalizando 14,5 MW de capacidade e uma central fotovoltaica com 14,25 MWp. Agora, com mais de 25.000 painéis solares fotovoltaicos bifaciais instalados no mesmo local, o complexo aumentará significativamente a produção de energia renovável naquele local, com uma capacidade instalada combinada de 28,75 MW. Juntos, irão produzir 58 GWh, o suficiente para abastecer aproximadamente 17 mil habitações e evitará mais de 24.000 toneladas de CO₂ por ano, o equivalente à captura de mais de 40.000 árvores adultas. “Colocar em operação o primeiro projeto híbrido de Espanha reforça o nosso compromisso em desenvolver projetos pioneiros de energia limpa de

maneira eficiente e sustentável num mercado-chave para a EDPR. Depois de implementar projetos semelhantes em Portugal e na Polónia, estamos satisfeitos por poder trazer soluções diferenciadoras para a transição energética espanhola”, conclui Miguel Stilwell d’Andrade. A EDPR espera colocar outros dois parques híbridos em operação em Espanha nos próximos meses e possui mais de 15 projetos de hibridização eólica-solar em desenvolvimento, que devem adicionar mais de 230 MW de capacidade renovável a Espanha nos próximos anos. Este país continua a ser um mercado estratégico para a EDP, onde a empresa tem uma capacidade instalada de quase 2 GW entre energia solar e eólica, 444 MW em energia hídrica e onde a empresa está também a desenvolver projetos de hidrogénio verde.



POLÓNIA O terceiro projeto híbrido instalado a nível mundial

O parque fotovoltaico de Konary é o quarto maior da Polónia e foi pioneiro na Europa Central e de Leste, ao combinar duas fontes de energia renovável no mesmo local. Foi adicionado em agosto de 2023, aos terrenos junto ao Parque Eólico de Pawlowo que já existia, marcando o início de uma nova era para a Polónia no que diz respeito à produção de energia.

Com uma capacidade de 79,5 MW, o parque eólico integra-se de forma harmoniosa com a central fotovoltaica Konary, que conta com cerca de 70.000 painéis fotovoltaicos em mais de 55 hectares, com 45 MWp, consolidando um modelo híbrido poderoso e eficiente.

O potencial deste projeto híbrido reflete-se na sua estimativa anual de produção, capaz de fornecer eletricidade suficiente para aproximadamente 20 mil casas. Durante a sua vida útil de, pelo menos, 25 anos, o parque fotovoltaico de Konary deve substituir a utilização de cerca de 350.000 toneladas de carvão para a produção de energia, assim como evita a emissão de cerca de 840.000 toneladas de CO₂ para a atmosfera.

Ao introduzir na Polónia o primeiro projeto híbrido, a EDPR demonstra um compromisso firme com a inovação e a adoção de tecnologias avançadas para enfrentar os desafios da transição energética. Não só posiciona a Polónia no mapa das energias renováveis, mas também serve como inspiração para outros países que procuram diversificar as suas fontes de energia. Desde 2008, quando a EDPR iniciou as suas operações na Polónia, a empresa já concluiu projetos com uma capacidade de quase 900 MW, demonstrando o forte empenho em acelerar a transição energética no país.

Estando o grupo presente em quase todo o mundo – Europa, Ásia, América do Norte e América Latina, Austrália – até 2026, pretende investir 25 mil milhões de euros no desenvolvimento e implementação de energias renováveis em todo o mundo, dos quais 40% são destinados à energia eólica em terra e outros 40% à energia solar em grande escala. //

Rondo e EDP abrem portas para um novo mercado



A produção de calor industrial com energia renovável, a nível global, é uma das maiores formas de combater as alterações climáticas em grande escala. É uma oportunidade única para acelerar ainda mais a descarbonização.

Anunciada na 3ª edição internacional do EDP Business Summit, a 7 de março, a parceria entre a EDP e a Rondo Energy visa estabelecer um novo mercado: o fornecimento de calor industrial limpo e acessível em grande escala, alimentado pela energia do vento e do sol. A EDP pretende desenvolver até 400MW de projetos eólicos e solares de larga escala e descentralizados para alimentar até 2GWh de baterias térmicas da Rondo, que convertem energia elétrica em calor de alta temperatura.

Os projetos solares descentralizados da EDP serão instalados junto às baterias térmicas da Rondo, numa solução sem combustão e segura para descarbonizar empresas que utilizam calor, desde indústrias alimentares, químicas e até grandes complexos industriais.

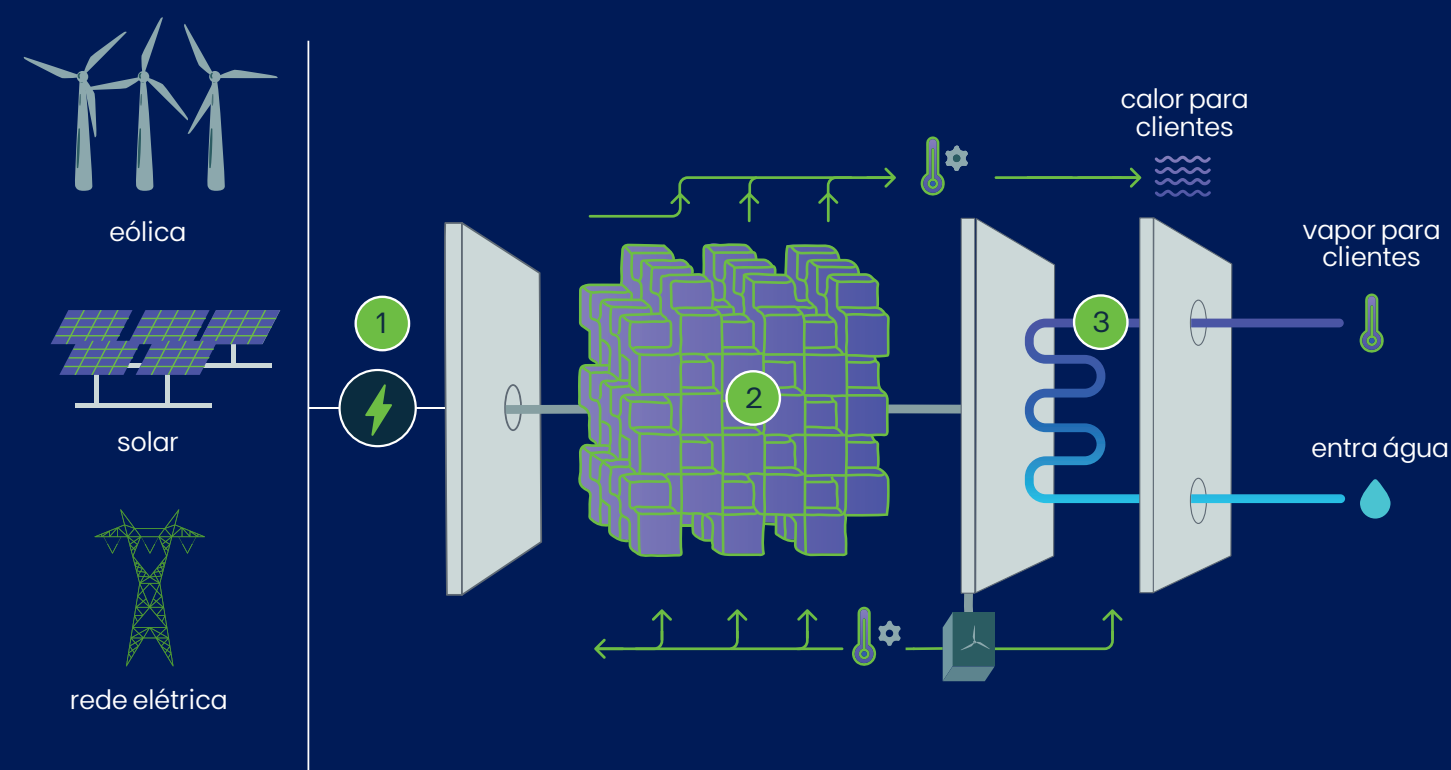
A produção industrial envolve frequentemente necessidades de calor a alta temperatura e reações químicas. Tradicionalmente, estes processos são alimentados por combustíveis fósseis, em especial o carvão, porque são económicos e estão facilmente disponíveis. Atualmente, os combustíveis fósseis queimados para produzir calor industrial libertam 15% do CO₂ mundial. Para ter uma ideia, a implementação de baterias térmicas pode reduzir as emissões mundiais de CO₂ em 20% e eliminar a combustão de gás fóssil em até 40%, segundo o mais recente estudo da SystemIQ sobre o tema.

Funcionamento das baterias

As baterias térmicas da Rondo capturam energia elétrica intermitente e convertem-na em calor contínuo de alta temperatura, com a opção de também fornecerem energia contínua através de uma configuração de cogeração. Uma tecnologia revolucionária explicada pelo fundador da Rondo, John O'Donnell, CEO da Rondo Energy (leia a entrevista).

Os primeiros projetos desta parceria devem entrar em operação em 2025, marcando um passo significativo rumo a um futuro mais sustentável e livre de emissões de carbono. ▶

Como funciona a bateria de calor Rondo?



1 Conversão de eletricidade: Transformação de eletricidade renovável em calor

- A eletricidade eólica e solar com zero emissões de carbono são convertidas em calor de alta temperatura, utilizando eficientemente elementos de aquecimento elétrico.
- Os elementos elétricos na Bateria de Calor Rondo funcionam com eficiência de 100%, integrando-se perfeitamente com várias fontes de energia.

2 Armazenamento eficiente de calor, 24/7

- A radiação térmica aquece os tijolos até 1.100°C, armazenando energia durante horas com perdas mínimas.
- Os tijolos armazenam calor através da radiação térmica, semelhante aos métodos tradicionais utilizados durante séculos em todo o mundo.

3 Fornecimento de calor a pedido como ar aquecido ou vapor

- A Rondo Heat Battery fornece ar ou vapor aquecidos à medida das necessidades da instalação.
- A Rondo Heat Battery pode ser facilmente integrada na infraestrutura existente, substituindo as caldeiras existentes por uma de emissões zero.

John O'Donnell

CEO da Rondo

Nesta entrevista, o responsável máximo pela Rondo explica qual a base desta tecnologia inovadora que armazena calor e o que podemos esperar, num futuro próximo, nesta área.

O que é que significa Rondo?

Um Rondo é uma forma de composição musical do século XVII em que a mesma melodia é repetida vezes sem conta. A minha mulher é instrumentista e, quando estávamos a criar a empresa, alguns de nós já trabalhavam há muito tempo em energias limpas e renováveis. Na altura, com outra tecnologia, já fornecíamos mais de metade de todo o calor solar industrial do mundo, e estávamos a reunir o grupo para o fazer desta nova forma.

Pode apresentar-nos a Rondo Energy, enquanto empresa e a tecnologia que usa?

A Rondo Energy está a construir infraestruturas para a indústria do século XXI. A indústria precisa de enormes quantidades de energia e, em muitas delas, o custo da energia é uma grande parte do custo de produção de mercadorias, quer se trate de fabricar tecido, plástico, comida para bebé ou aço. No século XXI, a indústria precisa urgentemente de energia com zero emissões de carbono, e esta tem

de ser acessível. Durante décadas, procurámos formas de obter energia com zero emissões de carbono e as pessoas diziam que este era o setor mais difícil de descarbonizar, que nunca ia acontecer, que estávamos a muitas décadas de distância. As indústrias eólica e solar fizeram cair o custo da eletricidade intermitente. A eletricidade solar é agora a forma mais barata de energia que alguma vez existiu, e se tivéssemos uma tecnologia de armazenamento de energia que fosse suficientemente barata, poderíamos repotencializar a indústria e satisfazer esse requisito de custo.

“O mundo precisa de calor descarbonizado, e isso é uma revolução.”

Então, três quartos da energia utilizada pela indústria é calor, não eletricidade. Temos feito muitos esforços para o armazenamento de eletricidade, mas só o calor industrial representa um quarto de todo o carvão, petróleo e gás natural que queimamos no mundo, pelo que precisamos de armazenamento de calor, e não de eletricidade, para o substituir. É isso que estamos a fazer na Rondo, construindo armazenamento de energia que fornece calor a partir da eletricidade. Acontece que isso é muito mais barato e mais simples do que armazenar eletricidade por eletricidade. Todas as tecnologias de que dispomos para armazenar eletricidade recorrem à química e utilizam materiais críticos. Para armazenar calor, basta colocar um tijolo no forno. Quando este estiver quente, ponha-o na sua cama. Irá armazenar calor e manter os seus pés quentes toda a noite. Estamos nesta nova era em que a eletricidade intermitente é barata, e há agora dezenas de empresas a trabalhar na construção de baterias de calor. A Tesla escreveu um relatório recentemente que dizia que o mundo vai ter o dobro da capacidade de baterias térmicas do que baterias de rede de todos os tipos, porque elas são a solução mais barata para descarbonizar a energia.

Na Rondo, somos as pessoas que trabalham com calor industrial há mais tempo e estávamos à procura do que poderia ser mais rápido. E a Rondo encontrou uma maneira de usar uma tecnologia de 200 anos com uma nova visão para construir essa infraestrutura para o século XXI. Armazenamos eletricidade, como calor, utilizando tijolos. E construímos equipamento industrial de energia. Construímos caldeiras industriais que se encontram em grandes fábricas, refinarias gigantes e pequenas explorações leiteiras que são alimentadas por eletricidade intermitente. Estamos entusiasmados por trabalhar com a EDP, um dos líderes mundiais na produção de eletricidade renovável, e por pegar nesta ferramenta que construímos e pô-la ao serviço dos clientes.

Porque é tão revolucionário?

O mundo precisa de calor descarbonizado, e isso é uma revolução. Todas essas outras abordagens nas quais o mundo tem vindo a trabalhar há anos significariam que o calor descarbonizado seria mais caro do que o calor atualmente. A captura de carbono, que é uma das ideias que sempre existiu, é sempre 30 a 50 por cento mais cara do que a simples queima de combustível sem capturar o carbono. Processos como a produção de hidrogénio a partir de energia elétrica têm uma eficiência de 50%, o que significa que são necessárias duas unidades de eletricidade para produzir uma unidade de calor. Portanto, existem muitas maneiras de fornecer calor descarbonizado mas que são mais caras do que as soluções atuais. E uma das coisas

que as pessoas comentam é como será o mundo descarbonizado? Será mais caro para os menos ricos das nossas comunidades comprar comida, fraldas e tudo o resto? Ou será menos dispendioso? A transição energética vai tornar o mundo mais injusto ou mais justo? Temos energia eólica e solar intermitentes que são mais baratas do que o combustível atualmente. Se conseguirmos aproveitá-las, podemos construir um mundo limpo, mas também mais justo e mais seguro. E essa é uma das coisas que nos entusiasma mais, porque o elo perdido para alcançar isso é uma tecnologia de armazenamento de energia que possamos fabricar em grande escala, que saibamos que funciona, para que possa ser financiada por clientes e por empresas que planeiam utilizá-la durante décadas.

E foi exatamente isso que conseguimos. Além disso, é possível utilizá-los sem ter de alterar a infraestrutura. As fábricas são renovadas de 30 em 30 anos. Precisamos de agir agora. Precisamos de soluções prontas para serem conectadas às fábricas que temos atualmente. E é isso que é crucial no que estamos a fazer. Outros caminhos requerem uma mudança total na forma como fabricamos algo. Muitos desses caminhos serão percorridos durante décadas no futuro. Pode parecer algo monótono, apenas usar este material de tijolo para armazenar calor. Mas acaba por desencadear uma ação muito rápida em grande escala.

O que levou a Rondo a participar nesta parceria com a EDP?

A EDP é líder global no setor das energias renováveis. É uma parceira de confiança para indústrias em todo o mundo, oferecendo-lhes soluções de descarbonização adequadas às suas necessidades. E a EDP utiliza em tecnologias solares, bem como outras tecnologias de armazenamento, para fornecer aos

clientes a possibilidade de adquirir energia limpa como um serviço. Se o seu negócio é fazer comida para bebês, não precisa de saber como funcionam os painéis solares. Pode investir o seu capital no seu próprio negócio.

A Rondo construiu este tipo fundamentalmente novo de armazenamento de energia. E o nosso objetivo é fornecer estas baterias de calor. Mas é uma ferramenta. E, mais uma vez, o cliente que está a fazer comida para bebé não quer ser proprietário de baterias de calor, tal como não quer ter painéis solares. Quer que alguém lhes forneça uma fonte fiável e garantida de energia como um serviço.

Por isso, do nosso ponto de vista, vemos a EDP como um grupo super técnico com o qual nos podemos concentrar em colaborar, aprender a trabalhar em conjunto e avançar rapidamente, colocando esta ferramenta nas mãos dos clientes e fazendo com que eles a utilizem. Não podia estar mais entusiasmado.

Quais são as principais funções da bateria térmica Rondo e como é que ela realiza cada uma dessas funções?

A nossa bateria faz o que qualquer bateria de calor tem de fazer. Ela precisa de executar três funções. Em primeiro lugar, deve captar eletricidade da rede quando o vento sopra e o sol brilha. Portanto, temos de captar eletricidade de forma intermitente. E quanto mais depressa conseguirmos captar essa energia, mais barata essa energia e mais valiosa a bateria se torna. Portanto, primeiro passo, captar energia.

Segundo passo, armazenar a energia por tempo suficiente, durante várias horas, de modo a que a energia que capturámos brevemente durante o dia seja suficiente para podermos realizar o terceiro passo, fornecer energia continuamente.

A bateria de calor Rondo consome eletricidade e usa o mesmo material de elemento de aquecimento que está no balcão da sua cozinha, na sua torradeira. A eletricidade aquece os fios do elemento de aquecimento com resistência elétrica, e estes emitem energia e luz. Emitem luz infravermelha visível e uma pequena quantidade de fio do elemento de aquecimento aquece toda a superfície do pão de maneira uniforme.

No interior da bateria de calor Rondo, é exatamente assim que armazenamos energia. Uma pequena quantidade de fio de elemento de aquecimento dentro de um tabuleiro de xadrez 3D de milhares de toneladas de tijolo armazena enormes quantidades de eletricidade como calor e aquece esse tijolo a mais de mil graus Celsius. Brilha lá dentro a amarelo quente e está devidamente isolado para que se possa armazenar energia durante dias.

Construímos as nossas baterias de calor com capacidade de armazenamento de energia suficiente para que possam fornecer energia continuamente. A forma como fazem isso é fazendo circular o ar através desse tijolo superaquecido. O ar sobreaquecido sai e agora flui através de uma caldeira. As caldeiras das instalações industriais, a maior parte delas, funcionam com ar sobreaquecido. Alguns tubos transportam água que produz vapor superaquecido a partir do calor do ar. Assim, uma bateria térmica Rondo possui aquecedores elétricos dentro de um tijolo e, ao lado, uma caldeira onde o ar em circulação retira o calor, transformando-o em ar superaquecido, fazendo vapor e retornando, de modo a que seja uma caixa única com uma ligação à subestação de eletricidade do outro lado. //

Mais de 30 anos de soluções inovadoras

Com mais de 30 anos de experiência em levar soluções inovadoras nas indústrias de energia, semicondutores e supercomputação, desde a conceção à produto final, antes de fundar a Rondo, John foi cofundador e vice-presidente de desenvolvimento da GlassPoint Solar, que fornece calor solar industrial um pouco por todo o mundo. Anteriormente, co-fundou e liderou a Ausra, empresa pioneira em sistemas elétricos térmicos solares. John foi engenheiro-chefe do Laboratório de Física de Plasma de Princeton, onde concebeu tecnologia premiada para apoiar experiências de fusão. É autor de numerosos artigos técnicos e detém mais de 20 patentes nos EUA e a nível internacional. John obteve um Bachelor of Science, com distinção especial em Ciências Informáticas pela Universidade de Yale.

